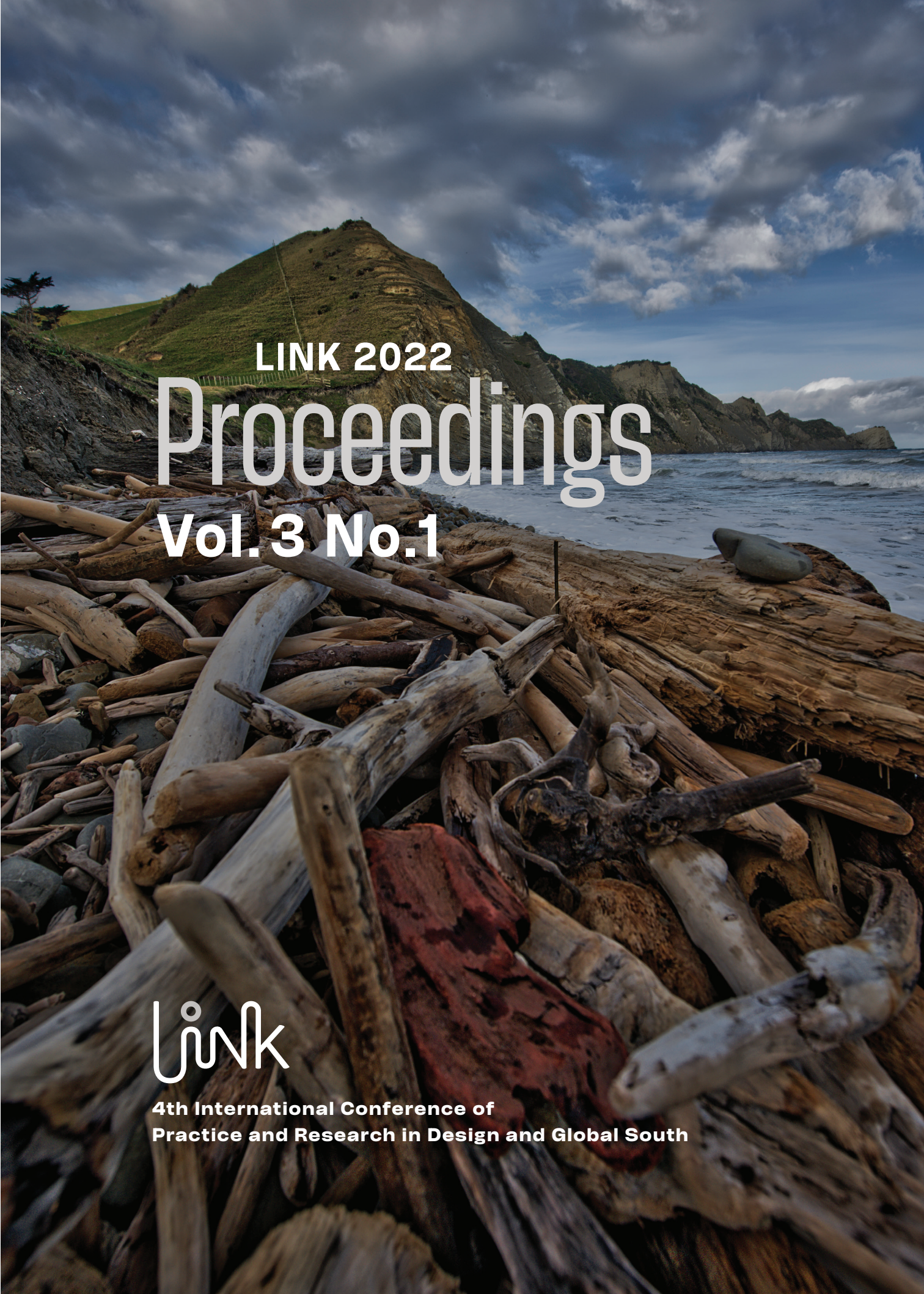


—





LINK 2022  
Proceedings  
Vol. 3 No.1

link

4th International Conference of  
Practice and Research in Design and Global South





**LINK 2022** *International Conference of  
Practice and Research in Design and Global South*

**LINK 2022 Conference Proceedings Vol. 3 No. 1 (2022)**

**ISSN 2744-4015** - Online version:  
<https://ojs.aut.ac.nz/linksymposium/>  
Publishing date: 31/12/2022

**Executive Producer**

Dr Marcos Mortensen Steagall

**LINK 2022 Conference Proceedings co-Editors:**

Dr Marcos Mortensen Steagall

Dr Sergio Nesteriuk Gallo

Dr Robert Pouwhare

**Translator**

Marcos Mortensen Steagall

**Catalogue Design:**

Marcos Mortensen Steagall

**Cover Photograph:**

Sponge Bay, Gisbourne, August 2016.

© Marcos Mortensen Steagall

**Publisher:**

**AUT** - Auckland University of Technology

School of Art & Design, Te Ara Auaha

Communication Design Department

27 Saint Paul Street, WE5, City Campus

Auckland CBD, 1010

Aotearoa New Zealand



This work is licensed under a Creative  
Commons Attribution 4.0 International  
License. All rights reserved. Authors retain  
the copyright of their respective content.

**LINK2022**  
**Proceedings**  
**Vol. 3 No.1**

---



**4rd International Conference of  
Practice and Research in Design and Global South**

---

Karakia

**Pou hihiri**  
**Pou rarama**  
**Tiaho i roto**  
**Tiaho i waho**  
**Mārama i roto**  
**Mārama i waho**  
**Tēnā te pou te pou kei i a tātau**  
**Te pou o te wānanga**  
**Te pou o te hauora**  
**Te pou o te ahurea oi!**  
**Whano whano**  
**Haramai te toki haumie**  
**Hui e...Tāiki e!**

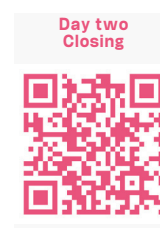
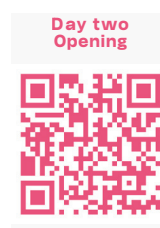
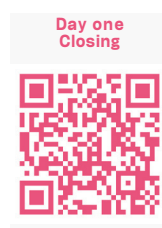
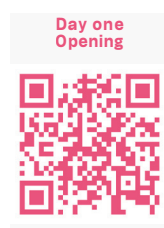
Let us be diligent  
Let us be enlightened  
Shine within  
Sparkle outward  
Instil a deep understanding  
Aware of the outer world  
We have this expertise in our grasp  
The knowledge of higher learning  
The knowledge of health  
The knowledge of an energetic culture  
Let us proceed  
be ready and resolute  
United to progress the purpose!

Sejamos diligentes  
Sejamos iluminados  
Brilhemos por dentro  
Brilhemos por fora  
Incutir uma compreensão profunda  
Consciente do mundo exterior  
Temos esta experiência ao nosso alcance  
Conhecimento do ensino superior  
Conhecimento da saúde e bem estar  
Conhecimento de uma cultura energética  
Vamos prosseguir  
estejamos prontos e resolutos  
Unidos para progredir no propósito!

Seamos diligentes  
Seamos iluminados  
Brillemos desde adentro  
Brillemos afuera  
Inculcar una comprensión profunda  
Consciente del mundo exterior  
Tenemos esta experiencia a nuestro alcance  
Conocimiento de la educación superior  
Conocimientos de salud y bienestar.  
Conocimiento de una cultura energética.  
Procedamos  
estemos listos y decididos  
¡Unidos al progreso en propósito!

---

## LINK 2022 Opening / Closing Videos / Karakia



**LINK 2022**

International Conference of Practice and  
Research in Design and Global South

---

## Introduction

It is increasingly overwhelming that our societies are living in disintegrating environments and need for more sustainable design approaches and wiser ways of living and being. Anthropogenic design impact in corporate spheres is causing socio-ecological destruction that threatens the underpinnings of civilisation and bio-diverse nature. Hence, economies and life worlds are facing the limitations of narratives of progress and creeds of growth with their designs and actions that are inapposite to the flourishing of life on our planet.

LINK is a conference created from reflections we always had about our actions as educators, researchers, and practitioners in the field of Art and Design. Over the last few years, we have noticed that such concerns have remained while they have multiplied, diversified, and become more complex. The more we dialogued with people worldwide, especially from the so-called Global South, the more we realised that these same issues were also dear to our colleagues, albeit with their colours and contours.

The intensification of globalisation and commodities fostered by markets and technology has led today's critical theorists to advocate for new kinds of engagement between Art, Design and the world. Not coincidentally, the last decades saw significant contributions to Art and Design Research in the Global South and Indigenous contexts, where inquiry is situated within an intelligent and intelligible world of natural systems, replete with relational patterns for being in the world.

Indigenising methodologies centre the production of knowledge around Art and Design processes and pieces of epistemologies derived from Indigenous Cultures.

The relationships between researchers, practitioners and practice are being challenged and redefined, empowering Indigenous peoples to collect, analyse, interpret, and control research data instead of simply participating in projects as subjects.

These shifting orientations and approaches respond for the decolonisation of research in higher education institutions and research methodologies employed by academics. Art and Design can help to transform obsolete social and economic practices into novel forms of life or living a meaningful life, thus replacing anthropo-centric Design for more pluriversal and transformational approaches beyond apocalyptic visions and dystopia.

LINK 2022 focuses on ways of knowing that inform research and methods involving Art and Design Research in the Global South and Indigenous contexts. The conference will challenge emerging themes, new epistemologies, and the multiple relationships between theory and practice (if such a distinction can be made). This recipe has consolidated as LINK Conference.

In its 4th edition, LINK 2022 celebrates the relationship between practice-led Art and Design research, Global South and Indigenous world views, fostering cognitive shifts to address twenty-first-century issues and the creation of inclusive communities that emphasise the interconnectedness (physical, social, emotional, spiritual, and intellectual) between people and landscapes.

We hope you enjoy the reading.



**Dr Marcos Mortensen Steagall**

*Auckland University of Technology*

**Dr Sérgio Nesteriuk Gallo**

*Anhembi Morumbi University*



## Introdução

É cada vez mais impressionante que nossas sociedades vivam em ambientes em desintegração e precisem de abordagens de design mais sustentáveis e formas mais sábias de viver e ser. O impacto do design antropogênico nas esferas corporativas está causando destruição socioecológica que ameaça os alicerces da civilização e da natureza biodiversa. Assim, as economias e os mundos da vida estão enfrentando as limitações de narrativas de progresso e credos de crescimento com seus projetos e ações que são inadequados para o florescimento da vida em nosso planeta.

LINK é uma conferência criada a partir de reflexões que sempre tivemos sobre nossas ações como educadores, pesquisadores e praticantes no campo da Arte e do Design. Ao longo dos últimos anos, percebemos que tais preocupações permaneceram ao mesmo tempo em que se multiplicaram, se diversificaram e se tornaram mais complexas. Quanto mais dialogávamos com pessoas do mundo todo, principalmente do chamado Sul Global, mais percebíamos que essas mesmas questões também eram caras aos nossos colegas, ainda que com suas cores e contornos.

A intensificação da globalização e das commodities fomentadas pelos mercados e pela tecnologia levaram os teóricos críticos de hoje a defender novos tipos de engajamento entre Arte, Design e o mundo. Não por acaso, as últimas décadas viram contribuições significativas para a Pesquisa em Arte e Design no Sul Global e nos contextos indígenas, onde a investigação está situada dentro de um mundo inteligente e inteligível de sistemas naturais, repleto de padrões relacionais para estar no mundo.

Metodologias indigenistas centram a produção de conhecimento em torno de processos

de Arte e Design e peças de epistemologias derivadas de Culturas Indígenas.

As relações entre pesquisadores, profissionais e a prática estão sendo desafiadas e redefinidas, capacitando os povos indígenas a coletar, analisar, interpretar e controlar dados de pesquisa em vez de simplesmente participar de projetos como sujeitos.

Essas orientações e abordagens mutantes respondem pela descolonização da pesquisa em instituições de ensino superior e das metodologias de pesquisa empregadas pelos acadêmicos. Arte e Design podem ajudar a transformar práticas sociais e econômicas obsoletas em novas formas de vida ou viver uma vida significativa, substituindo assim o Design antropocêntrico por abordagens mais pluriversais e transformacionais além de visões apocalípticas e distopia.

O LINK 2022 se concentra em formas de conhecimento que informam pesquisas e métodos envolvendo pesquisa em arte e design no Sul Global e contextos indígenas. A conferência desafiará temas emergentes, novas epistemologias e as múltiplas relações entre teoria e prática (se tal distinção puder ser feita). Esta receita consolidou-se como LINK Conference.

Em sua 4ª edição, o LINK 2022 celebra a relação entre a pesquisa de Arte e Design conduzida pela prática, as visões de mundo do Sul Global e dos indígenas, promovendo mudanças cognitivas para abordar questões do século XXI e a criação de comunidades inclusivas que enfatizam a interconectividade (física, social, emocional, espiritual e intelectual) entre pessoas e paisagens.

Esperamos que goste da leitura.



**Dr Marcos Mortensen Steagall**

*Auckland University of Technology*

**Dr Sérgio Nesteriuk Gallo**

*Anhembi Morumbi University*

## Introducción

Cada vez es más abrumador que nuestras sociedades vivan en entornos que se desintegran y necesitan enfoques de diseño más sostenibles y formas más sabias de vivir y ser. El impacto del diseño antropogénico en las esferas corporativas está causando una destrucción socioecológica que amenaza los cimientos de la civilización y la naturaleza biodiversa. Por lo tanto, las economías y los mundos de la vida se enfrentan a las limitaciones de las narrativas del progreso y los credos del crecimiento con sus diseños y acciones que son inapropiadas para el florecimiento de la vida en nuestro planeta.

LINK es una conferencia creada a partir de reflexiones que siempre tuvimos sobre nuestro actuar como educadores, investigadores y practicantes en el campo del Arte y el Diseño. En los últimos años hemos notado que dichas preocupaciones se han mantenido mientras se han multiplicado, diversificado y complejizado. Cuanto más dialogábamos con personas de todo el mundo, especialmente del llamado Sur Global, más nos dábamos cuenta de que estos mismos temas también eran importantes para nuestros colegas, aunque con sus colores y contornos.

La intensificación de la globalización y los productos básicos fomentada por los mercados y la tecnología ha llevado a los teóricos críticos de hoy a abogar por nuevos tipos de compromiso entre el arte, el diseño y el mundo. No es coincidencia que las últimas décadas hayan visto contribuciones significativas a la investigación en arte y diseño en los contextos indígenas y del Sur Global, donde la investigación se sitúa dentro de un mundo inteligente e inteligible de sistemas naturales, repleto de patrones relacionales para estar en el mundo.

Las metodologías indigenizantes centran la producción de conocimiento en torno a procesos

de Arte y Diseño y piezas de epistemologías derivadas de las Culturas Indígenas.

Las relaciones entre investigadores, profesionales y la práctica están siendo desafiadas y redefinidas, empoderando a los pueblos indígenas para recopilar, analizar, interpretar y controlar datos de investigación en lugar de simplemente participar en proyectos como sujetos.

Estas orientaciones y enfoques cambiantes responden a la descolonización de la investigación en las instituciones de educación superior y las metodologías de investigación empleadas por los académicos. El arte y el diseño pueden ayudar a transformar prácticas sociales y económicas obsoletas en formas de vida novedosas o vivir una vida significativa, reemplazando así el diseño antropocéntrico por enfoques más pluriversales y transformadores más allá de las visiones apocalípticas y la distopía.

LINK 2022 se enfoca en formas de conocimiento que informan la investigación y los métodos que involucran la investigación de arte y diseño en los contextos indígenas y del Sur Global. La conferencia desafiará temas emergentes, nuevas epistemologías y las múltiples relaciones entre la teoría y la práctica (si se puede hacer tal distinción). Esta receta se ha consolidado como Conferencia LINK.

En su cuarta edición, LINK 2022 celebra la relación entre la investigación de arte y diseño dirigida por la práctica, el Sur Global y las cosmovisiones indígenas, fomentando cambios cognitivos para abordar los problemas del siglo XXI y la creación de comunidades inclusivas que enfatizan la interconexión (física, sociales, emocionales, espirituales e intelectuales) entre personas y paisajes.

Esperamos que disfrutes de la lectura.



**Dr Marcos Mortensen Steagall**

*Auckland University of Technology*

**Dr Sérgio Nesteriuk Gallo**

*Anhembi Morumbi University*

# Organising Team

---

## AUT University

### **Prof. Guy Littlefair**

*Dean - Design & Creative Technologies*

### **Prof. Felix Tan**

*Associate Dean - Research*

### **Prof. Mandy Smith**

*Head of School – Art & Design*

### **Assoc. Professor Sue Hedges**

*Deputy Head of School – Art & Design*

### **Gregory Bennett**

*Associate Head of School – Research*

### **Fiona Grieve**

*Head of Department – Communication Design*

### **Jenni Tupu**

*Programme Director – Bachelor of Design*

## Conference General Chair

GENERAL CHAIRMAN AND  
ORGANISATION CO-ORDINATOR

### **Associate Professor Marcos Mortensen Steagall**

*Auckland University of Technology*

VICE-CHAIRMAN

### **Professor Sérgio Nesteriuk Gallo**

*Anhembi Morumbi University*

VICE-CHAIRMAN

### **Dr Robert Pouwhare**

*Auckland University*

## AUT Library Team

### **Donna Coventry**

*Scholarly Communications  
Librarian Open Publishing*

### **Luqman Hayes**

*Team Leader Scholarly  
Communications*

## Agencia Galo Team

Thiago Rebouças

Tales Rocha

Laiz Sousa

Wellington Fernandes

Vicente Fernandes

## Special acknowledgments

*Hinematau McNeill*

*Janete Rodrigues*

*Alfred Gutierrez Borrero*

*Ilza Mortensen Steagall*

*Colleen Leauanae*

*Ana Azevedo*


*Bruna Natale*


*Toiroa Williams*

*Gary Tatham*

## LINK Social Media

 [www.linksymposium.com](http://www.linksymposium.com)

 [/link-conference](https://www.linkedin.com/company/link-conference)

 [@link\\_conference](https://www.instagram.com/link_conference)

 [/linksymposium](https://www.facebook.com/linksymposium)

*All presentations from the conference  
are available at LINK YouTube Channel:*

 <https://tinyurl.com/fhamjnw>



Conference  
Chairs &  
Committee

---



## International Scientific Committee

### **Alfredo Gutierrez**

*University of Bogota Jorge Tadeo  
Lozano, Colombia*

### **Fiona Grieve**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Hinematau McNeill**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Marcos Mortensen Steagall**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Michèle Wilkomirsky**

*Pontifical Catholic University of  
Valparaiso, Chile*

### **Robert Pouwhare**

*Auckland University  
Aotearoa*

### **Sérgio Nesteriuk Gallo**

*Anhembi Morumbi University  
Brazil*

## Committee Members

### **Aderito Fernandes Marcos**

*São José University  
Macau, China*

### **Ana Azevedo**

*Education New Zealand*

### **Andrea Catropa**

*Anhembi Morumbi University  
Brazil*

### **Cristina Elias**

*Anhembi Morumbi University  
Brazil*

### **Daniel Raposo**

*Polytechnic Institute of Castelo  
Branco, Portugal*

### **David van Vliet**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Gilbertto Prado**

*Anhembi Morumbi University  
Brazil*

### **Gregory Bennett**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Luis Guerra**

*BAU, Design College of  
Barcelona, Spain*

### **Mirtes Oliveira**

*Anhembi Morumbi University  
Brazil*

### **Nara Cristina Santos**

*Federal University of  
Santa Maria, Brazil*

### **Pat Badani**

*Interdisciplinary Artist,  
Researcher, Writer, and Editor*

### **Paulo Bernardino**

*University of Aveiro  
Portugal*

### **Pedro Alves da Veiga**

*CIAC, Universidade Aberta  
Portugal*

### **Rachel Zuanon**

*The University of Campinas  
Brazil*

### **Rejane Rocha**

*Federal University of São Carlos  
Brazil*

### **Ricardo Chacón**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Ricardo Sosa**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Rodrigo Hill**

*University of Waikato  
Aotearoa*

### **Rogério da Costa**

*Pontifical Catholic University of  
São Paulo, Brazil*

### **Suzette Venturelli**

*Anhembi Morumbi University  
Brazil*

### **Toiroa Williams**

*Auckland University of Technology  
Aotearoa*

### **Vinicius Pereira**

*Federal University of Mato Grosso  
Brazil*



Abstracts

# Alfredo Gutiérrez Borrero

---

## ALFREDO GUTIERREZ BORRERO

Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano (UTADEO)

<https://orcid.org/0000-0002-0470-4190>

Alfredo Gutiérrez Borrero currently works at the academic area of product design in the Facultad de Artes y Diseño, Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano. He has a PhD in Design and Creation, Universidad de Caldas, Manizales, Colombia. Alfredo does research in indigenous thought, declassification of knowledge, decoloniality and southern epistemologies Their most recent publication is Dessobons and archaeodesign.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Gutiérrez Borrero, A. (2022). Dessobons: when design is the other (of many others). In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 17-20). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.190>

Video  
Presentation



# Dessobons: when design is the other (of many others)

## Keywords

Designs-other; Decolonial design; Indigenous design; Pluriversal design.

This lecture discusses the need to break the ontological, cosmological, etymological and epistemological (in fact all kinds of “-logical”) gravitational field of design as a modern and totalizing way of converting (and incidentally, devouring) into adjectives, from the same word, all the creative practices of materiality of all human groups (indigenous design, pluriversal design, decolonial design, autonomous design, etc.). The reason behind this position is that within the languages of many of these polycardinal (coming from all directions, better than non-westerners) human groups, the words “design”, “project” and “practice” do not summon anything. Dessobons are presented, as an intra-academic generalization to respectfully call the whole of the untranslatable and impluralizable “practices” that in diverse human groups fulfill a function like the one that design has within the thought and action of the western tradition from which it was born. This is set up to stop seeing such “practices” as “others” of design (not “other designs”, and not even “designs-other”) and start seeing design as the other of such practices. Design as the other of many other forms of otherness. The path of the Dessobons represents an escape, a flight from the design in 3 directions, first the south as the set of oblivions, rejections, contempts, and inclusions-dissolutions, from visions that locate north and west above and leave for the south and the east a secondary condition. In the plural, thought as “souths”, drifts to the south of the idea of design are undertaken, from various authors and wisdoms who find in the souths ways to account for links with otherness that do not

respond to the ordering modes of the dominant culture that, indeed, turns out to be the only one. The second direction of flight is that of the other, the questioning of the monologic that underlies all monoculture, this describes the trajectory of overcoming the propensity to cover otherness with external signification regimes. The idea of the toxicity of the design (design toxicity) and the toxicity of the data (datatoxicity) are introduced here, to deal with the uncritical automatism of the repetition of forms of generalization that does not attend to the specificity or the particularities of territories, places, and communities. The last direction of flight is that of other names: what during my doctoral work I called design by other names, but which in the end turn out to be names for “practices” similar to and at the same time different from design, which could be equated with it without be (therefore, equaltervalents of design), practices with other names for which design is the other. The idea of designorance (everything that design ignores) is introduced here to approach, in a problem of organization of knowledge, forms of creation irreducible to those metrics with which academic knowledge, always inclined to impose its terms of comparison, projects itself onto what often does not even take the time to understand. The intention behind this escape from design towards dessobons is to allow the way for the declassified and declassifying coevolution of a diversity of heterogeneous and immeasurable creative possibilities without affiliating them to the domain of a matrix term (design) or molding or modeling them from it.



# Dessocons: quando o design é o outro (de muitos outros)

## Palavras Chave:

Designs-outros; Design decolonial; Design indígena; Design pluriversal.

Esta palestra discute a necessidade de quebrar o campo gravitacional ontológico, cosmológico, etimológico e epistemológico (de fato, todos os tipos de “-lógico”) do design como uma forma moderna e totalizante de converter (e incidentalmente, devorar) em adjetivos, a partir da mesma palavra, todas as práticas criativas de materialidade de todos os grupos humanos (design indígena, design pluriversal, design decolonial, design autônomo, etc.). A razão por trás desta posição é que dentro das línguas de muitos destes grupos humanos policardinais (vindos de todas as direções, melhor que os não ocidentais), as palavras “design”, “projeto” e “prática” não invocam nada. Dessocons são apresentados, como uma generalização intra-acadêmica para chamar respeitosamente o conjunto das “práticas” intraduzíveis e impluralizáveis que em diversos grupos humanos cumprem uma função como a que o design tem dentro do pensamento e da ação da tradição ocidental da qual nasceu. Isto é criado para deixar de ver tais “práticas” como “outras” de design (não “outros designs”, e nem mesmo “designs-outros”) e começar a ver o design como a outra de tais práticas. Desenho como a outra de muitas outras formas de alteridade. O caminho dos Dessocons representa uma fuga, um vôo do design em 3 direções, primeiro o sul como o conjunto de esquecimentos, rejeições, desprezos e inclusões-dissoluções, de visões que localizam o norte e o oeste acima e deixam para o sul e o leste uma condição secundária. No plural, pensado como “suis”, se deriva para o sul da idéia de design, de vários autores e sabedorias que encontram no sul formas de dar conta de ligações com a alteridade

que não respondem aos modos de ordenação da cultura dominante que, de fato, se revela ser a única. A segunda direção de vôo é a do outro, o questionamento da monologia que subjaz a toda monocultura, descreve a trajetória de superação da propensão a cobrir a alteridade com regimes de significação externa. A idéia da toxicidade do design (designtoxicidade) e a toxicidade dos dados (datatoxicidade) são introduzidas aqui, para lidar com o automatismo acrítico da repetição de formas de generalização que não atendem à especificidade ou às particularidades de territórios, lugares e comunidades. A última direção do vôo é a de outros nomes: o que durante meu trabalho de doutorado chamei de design com outros nomes, mas que no final acabam sendo nomes para “práticas” semelhantes e ao mesmo tempo diferentes do design, que poderiam ser equiparados a ele sem ser (portanto, equialtervalentes a design), práticas com outros nomes para os quais design é o outro. A idéia de designorância (tudo que o design ignora) é introduzida aqui para abordar, em um problema de organização do conhecimento, formas de criação irredutíveis àquelas métricas com as quais o conhecimento acadêmico, sempre inclinado a impor seus termos de comparação, se projeta sobre o que muitas vezes ele nem sequer tenta compreender. A intenção por trás desta fuga do design para os Dessocons é permitir o caminho para a co-evolução desclassificada e desclassificadora de uma diversidade de possibilidades criativas heterogêneas e imensuráveis, sem afiliá-las ao domínio de um termo matricial (design) ou moldá-las ou modelá-las a partir dele.

# Dissocons: cuando el diseño es el otro (de muchos otros)

## Palabras clave:

Diseños-otros; Diseño decolonial; Diseño indígena; Diseño pluriversal.

En esta charla se discute la necesidad de romper el campo gravitacional ontológico, cosmológico, etimológico y epistemológico (en realidad, todo tipo de “-lógico”) del diseño como forma moderna y totalizadora de convertir (y de paso, devorar) en adjetivos, a partir de la misma palabra, todas las prácticas creativas de materialidad de todos los grupos humanos (diseño indígena, diseño pluriversal, diseño decolonial, diseño autónomo, etc.). La razón de esta postura es que dentro de las lenguas de muchos de estos grupos humanos policárdinales (procedentes de todas las direcciones, mejor que “no occidentales”), las palabras “diseño”, “proyecto” y “práctica” no invocan nada. Se presenta como una generalización intraacadémica para llamar respetuosamente al conjunto de “prácticas” intraducibles e impluralizables que en diversos grupos humanos cumplen una función como la que tiene el diseño dentro del pensamiento y la acción de la tradición occidental de la que nace. Se trata de dejar de ver esas “prácticas” como “otros” diseños (no “otros diseños”, y ni siquiera “diseños-otros”) y empezar a ver el diseño como el otro de esas prácticas. El diseño como el otro de muchas otras formas de alteridad. El camino de los Dissocons representa una huida, un vuelo de diseño en 3 direcciones, primero el sur como el conjunto de olvidos, rechazos, desprecios e inclusiones-disoluciones, de visiones que sitúan al norte y al oeste por encima y dejan al sur y al este una condición secundaria. En el plural, pensado como “sures”, se deriva hacia el sur desde la idea de diseño, desde diversos autores y sabidurías que encuentran en el sur formas de dar cuenta de las conexiones

con la alteridad que no responden a las formas de ordenamiento de la cultura dominante que, de hecho, resulta ser la única. La segunda dirección de la huida es la del otro, el cuestionamiento de la monología que subyace a toda monocultura, describe la trayectoria de superación de la propensión a cubrir la alteridad con regímenes de significación externa. Se introduce aquí la idea de la toxicidad del diseño (diseñotoxicidad) y de la toxicidad de los datos (datotoxicidad), para hacer frente al automatismo acrítico de la repetición de formas de generalización que no atienden a la especificidad ni a las particularidades de territorios, lugares y comunidades. La última dirección de la huida es la de los otros nombres: lo que durante mi trabajo de doctorado llamé diseño con otros nombres, pero que al final acaban siendo nombres de “prácticas” parecidas y a la vez diferentes del diseño, que podrían equipararse a él sin serlo (por tanto, equialtervalentes al diseño), prácticas con otros nombres para las que el diseño es el otro. La idea de diseñorancia (todo lo que el diseño ignora) se introduce aquí para abordar, en un problema de organización del conocimiento, formas de creación irreductibles a las métricas con las que el conocimiento académico, siempre inclinado a imponer sus términos de comparación, se proyecta sobre lo que a menudo ni siquiera intenta comprender. La intención de esta huida del diseño hacia los dessocons es permitir la coevolución descalificadora y desclasificadora de una diversidad de posibilidades creativas heterogéneas e inconmensurables, sin afiliarlas al dominio de un término matriz (el diseño) ni moldearlas o modelarlas desde él.

# Martín Ávila

---

## MARTÍN ÁVILA

Konstfack - University of Arts, Crafts and Design

<https://orcid.org/0000-0003-3353-508X>

Martín Ávila is a designer, researcher, and Professor of Design at Konstfack, in Stockholm, Sweden. Martín's research is design-driven and addresses forms of interspecies cohabitation. His latest book is *Designing for Interdependence: A Poetics of Relating*. See also [www.martinavila.com](http://www.martinavila.com)

### HOW TO QUOTE (APA7):

Ávila, M. (2022). *Designing for Interdependence: A Poetics of Relating*. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 21-24). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.185>

Video  
Presentation



# Designing for Interdependence: A Poetics of Relating

## Keywords

Alter-Natives, Design, Interdependence, Life-Affirming, Poetics

The presentation gives an overview of the book *Designing for Interdependence: A Poetics of Relating* which is about the practice of designing and design's capacity to relate (or not) to beings of all kinds, human and others, in ways that are life-affirming. Sensitive to power differentials and the responsibility that this entails, the author develops the notion of alter-natives, a concept that exposes the alterity of artificial things and the potential of these things to participate in the sustainment of environments. The notion of alter-natives indicates the alterity of a thing, its own foreignness to environments by being artificial, fabricated by humans. It demands thinking how some-thing alters the relations to those that live in an environment, how it makes them different in some way. It suggests the possibility that these 'others' (alterity) may enter a process of 'nativization', if they are designed within the ecological and biological constraints of the particular places where they will be used. Finally, the notion of alter-natives does not explain, does not explicate; it demands answers, the implications need to be unfolded, traced, maintained. Alter-natives emphasize

vulnerability in order to become life-affirming. The book immerses the reader in a poetics of relating, a semiotic practice of interrelating humans, artificial things and other-than-human species, a design practice that can make us more explicitly dependable on life and communication across species, a designing for interdependence that can support the necessary rewinding that must happen if we are to contribute to the stabilization of planetary dynamics and the affirmation of cultural and biological diversity. By challenging anthropocentrism through design, a practice emerges from questioning human mastery, and thus a poetics of relating is developed by means of a letting go of control acknowledging other-than-human needs and capacities. In this sense the book is about control, at least to the extent that a human can let go of control by designing something that affirms her living. Avoiding dualistic thinking and the dichotomies harmful-benefit, construction-destruction, natural-artificial, and life-death, the author pursues the work of caring for how our mattering through design becomes both, constructive and destructive in more-than-human ecologies.

# Projetando para a Interdependência: Uma Poética do Relacionamento

## Palavras chave:

Alternativas; Design; Interdependência; Afirmação da Vida; Poética.

A apresentação dá uma visão geral do livro *Designing for interdependence: A poetics of relating* (Projetando para a Interdependência: Uma Poética do Relacionamento), que trata da prática de projetar e da capacidade do design de se relacionar (ou não) com seres de todos os tipos, humanos e outros, de maneiras que afirmem a vida. Sensível aos diferenciais de poder e à responsabilidade que isso acarreta, o autor desenvolve a noção de alter-natives, conceito que expõe a alteridade das coisas artificiais e o potencial dessas coisas para participar da sustentação dos ambientes. A noção de alter-natives indica a alteridade de uma coisa, sua própria estranheza aos ambientes por ser artificial, fabricada por humanos. Exige pensar como algo altera as relações com aqueles que vivem em um ambiente, como os torna diferentes de alguma forma. Sugere a possibilidade de que esses 'outros' (alteridade) possam entrar em um processo de 'nativização', se forem concebidos dentro das condicionantes ecológicas e biológicas dos locais particulares onde serão utilizados. Finalmente, a noção de alter-natives não explica, exige respostas; as implicações precisam ser desdobradas, rastreadas, mantidas.

As alter-natives enfatizam a vulnerabilidade para se tornarem afirmativas da vida. O livro imerge o leitor em uma poética do relacionamento, uma prática semiótica de inter-relacionar humanos, coisas artificiais e outras espécies não humanas, uma prática de design que pode nos tornar mais explicitamente dependentes da vida e da comunicação entre as espécies, um design para a interdependência que pode apoiar o *rewilding* necessário que deve acontecer se quisermos contribuir para a estabilização da dinâmica planetária e a afirmação da diversidade cultural e biológica. Ao desafiar o antropocentrismo por meio do design, uma prática emerge do questionamento do domínio humano e, assim, uma poética do relacionamento é desenvolvida por um desapego do controle, reconhecendo necessidades e capacidades não humanas. Nesse sentido, o livro é sobre controle, na medida em que um humano pode abrir mão dele ao projetar algo que afirme sua vida. Evitando o pensamento dualista e as dicotomias dano-benefício, construção-destruição, natural-artificial e vida-morte, o autor segue o trabalho de cuidar de como nossa matéria através do design se torna construtiva e destrutiva em ecologias mais do que humanas.



# Diseñando para la interdependencia: Una poética del relacionarse

## Palabras clave

Alter-Natives; Diseño; Interdependencia; Afirmación de la Vida; Poética.

La presentación ofrece una descripción general del libro *Designing for interdependence: A poetics of relating* (Diseñando para la interdependencia: una poética del relacionarse), que trata sobre la práctica del diseño y la capacidad del diseño para relacionarse (o no) con seres de todo tipo, humanos y otros, de maneras que afirman la vida. Enfocado en la responsabilidad de diseñar, el autor desarrolla la noción de alter-natives, un concepto que expone la alteridad de las cosas artificiales y el potencial de estas cosas para participar en el sostenimiento de los ambientes. La noción de alter-natives indica la alteridad de una cosa, su propia extrañeza a los entornos por ser artificial, fabricada por humanos. Exige pensar cómo algo altera las relaciones con quienes viven en un entorno, cómo los hace diferentes de alguna manera. Sugiere la posibilidad de que estos "otros" (alteridad) puedan entrar en un proceso de "nativización", si se diseñan dentro de las limitaciones ecológicas y biológicas de los lugares particulares en donde se utilizarán o existen. Finalmente, la noción de alter-natives no explica, exige respuestas; las implicaciones deben ser desplegadas, rastreadas, mantenidas. Los alter-natives enfatizan la vulnerabilidad para convertirse en afirmadores de la vida.

El libro sumerge al lector en una poética de la relación, una práctica semiótica de interrelacionar humanos, cosas artificiales y especies distintas a las humanas, una práctica de diseño que puede hacernos más explícitamente dependientes de lo vivo y la comunicación entre especies, un diseño para la interdependencia que puede apoyar la reconstrucción necesaria que debe ocurrir si queremos contribuir a la estabilización de la dinámica planetaria y la afirmación de la diversidad cultural y biológica. Al desafiar el antropocentrismo a través del diseño, surge una práctica del cuestionamiento del dominio humano y, por lo tanto, se desarrolla una poética de relacionarse mediante un abandono del control que reconoce necesidades y capacidades ajenas a las humanas. En este sentido, el libro trata sobre el control, al menos en la medida en que un ser humano puede soltar el control diseñando algo que afirme su propia vida. Evitando el pensamiento dualista y las dicotomías daño-beneficio, construcción-destrucción, natural-artificial y vida-muerte, el autor desarrolla el trabajo de cuidar cómo nuestro materializar a través del diseño se vuelve tanto constructivo como destructivo en ecologías que nunca son solo humanas.

# Mariana Opedees

---

## MARIANA SALGADO

Ministry of the Interior, Finland

<https://orcid.org/0000-0002-2630-2117>

Mariana Salgado is a senior designer and a researcher working in service and interaction design. She is part of Inland design, an innovation and design lab in the Ministry of the Interior, Finland. In addition, she produces and hosts *Diseño y diáspora*, a podcast on design for social change (in Spanish and Portuguese). The podcast has now 370 episodes published and it is the most listened design podcast in latinoamerica. Around 6000 listeners monthly. She has a doctoral degree from the department of Media, in Aalto University.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Salgado, M. (2022). Article Design and diaspora, voices from the Global South. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 25-28). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.187>

Video  
Presentation



# Article Design and diaspora, voices from the Global South

## Keywords

Activism; Design; Diaspora; Dissemination; Global South.

This presentation will reflect on the practice of doing and managing a podcast on social design for 4 years. *Diseño y diáspora*, the podcast, is the most listened-to podcast in Spanish-speaking countries and maps current and emergent topics in the social design field. Most of the interviewees are Spanish and Portuguese speakers living in their own countries or in the diaspora. Though, lately, the podcast presents a once-a-month interview in English. Including designers living in the diaspora is key, as this podcast is done from Finland. Going deep into the archives of this podcast is a way to understand what is going on in social design and invite to the discussion to others, interested in sustainable design, design with a gender perspective, design in cooperatives, NGOs, and the public sector, design with Afroamerican and indigenous communities, decolonizing design practices, and design for public policies. As new design practices emerge and consolidate, giving voices to the doers is a way to legitimise the practice and clarify expectations and promises. In this presentation the book: *Design and Territories* was presented through answering two key questions: How do these interviews provide

an idea of what is going on in design now in the Global South? How to design the documentation of emergent design practices without borders and in a multi linguistic way? The interviews of this podcast are at the moment the largest oral archive of design stories in Spanish. There is a community of design practitioners that recognise themselves as followers of the podcast and find themselves part of a larger web of social designers. However, there is no research on the content and how it represents what is going on in design from the Global South. In addition, little effort has been done into documenting and archiving social design when it is not produced as part of an academic project. There are no large collectives or foundations working in this documentation and when they exist they are based in one country and try to document the design from this country. This practice goes against international and regional collaboration. This presentation shows the need for international archive practices that are multilingual in their conception and allow communities of designers and design researchers to find each other and collaborate.

# Design de artigo e diáspora, vozes do Sul Global

## Palavras Chave:

Ativismo; Design; Diáspora; Disseminação; Sul Global.

Esta apresentação refletirá sobre a prática de fazer e gerenciar um podcast sobre design social durante 4 anos. Diseño y diáspora é o podcast mais ouvido nos países da habla hispana e visita temas atuais e emergentes no campo do design social. A maioria dos estrangeiros são falantes de espanhol e portugueses que vivem em seus próprios países ou na diáspora. Por último, o podcast apresenta uma entrevista mensal em inglês e às vezes se entrevista pessoas que responderam em português, tendo episódios multilíngues (espanhol-português). Incluir a los diseñadores que vivem na diáspora é clave, ya que este podcast se realiza desde Finlandia. Aprofundar nos arquivos deste podcast é uma maneira de entender o que está passando pelo design social e convidar para a discussão outros interessados em temas emergentes no design de hoje: design sustentável, design com perspectiva de gênero, design em cooperativas, em ONGs y en el setor público, design con comunidades afroamericanas e indígenas, práticas de design decolonizador y design de políticas públicas. A medida que surgem e consolidam novas práticas de design, dar voz aos criadores é uma forma de legitimar a prática e esclarecer expectativas e promessas. Na apresentação, o livro Desenho e territórios foi apresentado brevemente a partir

de duas perguntas-chave: Como trazer estas entrevistas uma ideia do que está sucedendo no desenho agora no Sul Global? Como projetar a documentação das práticas de design emergentes sem fronteiras e de forma multilíngue? As entrevistas deste podcast são no presente momento o maior arquivo oral de histórias de design em espanhol. Existe uma comunidade de profissionais do design que se reconhecem a nós mesmos como seguidores do podcast e se encontram a nós mesmos como parte de uma grande rede de designers sociais. No entanto, não há investigação sobre o conteúdo e como representá-lo que está passando no design do Sur Global. Além disso, há pouco esforço para documentar e arquivar o design social quando não é produzido como parte de um projeto acadêmico. Não há grandes coletivos ou fundações trabalhando nesta documentação e quando existe estão baseados em um país e tentam documentar o design desse país. Esta prática vai contra a colaboração internacional e regional. Esta apresentação mostra a necessidade de práticas de arquivamento internacional que sejam multilíngue em sua concepção e permitam que as comunidades de projetistas e pesquisadores do projeto encontrem e colaborem.

# Artículo Diseño y diáspora, voces del Sur Global

## Palabras clave:

Activismo; Diseño; Diáspora; Difusión; Sur Global.

Esta presentación reflexionará sobre la práctica de hacer y gestionar un podcast sobre diseño social durante 4 años. Diseño y diáspora es el podcast más escuchado en los países de habla hispana y visita temas actuales y emergentes en el campo del diseño social. La mayoría de los entrevistados son hablantes de español y portugués que viven en sus propios países o en la diáspora. Últimamente, el podcast presenta una entrevista mensual en inglés y a veces se entrevista a personas que responden en portugués, teniendo episodios multilingües (español-portugués). Incluir a los diseñadores que viven en la diáspora es clave, ya que este podcast se realiza desde Finlandia. Profundizar en los archivos de este podcast es una manera de entender lo que está pasando en el diseño social e invitar a la discusión a otros interesados en temas emergentes en el diseño de hoy: diseño sostenible, diseño con perspectiva de género, diseño en cooperativas, en ONGs y en el sector público, diseño con comunidades afroamericanas e indígenas, prácticas de diseño decolonizador y diseño de políticas públicas. A medida que surgen y se consolidan nuevas prácticas de diseño, dar voz a los hacedores es una forma de legitimar la práctica y aclarar expectativas y promesas. En la presentación el libro *Diseño y territorios fue*

presentado brevemente a partir de dos preguntas claves: ¿Cómo brindan estas entrevistas una idea de lo que está sucediendo en el diseño ahora en el Sur Global? ¿Cómo diseñar la documentación de las prácticas de diseño emergentes sin fronteras y de forma multilingüe? Las entrevistas de este podcast son por el momento el mayor archivo oral de historias de diseño en español. Existe una comunidad de profesionales del diseño que se reconocen a sí mismos como seguidores del podcast y se encuentran a sí mismos como parte de una red más grande de diseñadores sociales. Sin embargo, no hay investigación sobre el contenido y cómo representa lo que está pasando en el diseño del Sur Global. Además, se ha hecho poco esfuerzo para documentar y archivar el diseño social cuando no se produce como parte de un proyecto académico. No hay grandes colectivos o fundaciones trabajando en esta documentación y cuando existen tienen su sede en un país e intentan documentar el diseño de este país. Esta práctica va en contra de la colaboración internacional y regional. Esta presentación muestra la necesidad de prácticas de archivo internacionales que sean multilingües en su concepción y permitan a las comunidades de diseñadores e investigadores del diseño encontrarse y colaborar.

# Michele Wilkomirsky

---

## MICHELE WILKOMIRSKY

Pontificia Universidad Católica de Valparaíso

<https://orcid.org/0000-0002-8757-6111>

Michèle Wilkomirsky Uribe is an Associate Professor, Graphic Designer, Doctor of the Rey Juan Carlos University, Secretary of the Pontificia Universidad Católica de Valparaíso (PUCV) Graphic Designer Faculty, Doctor of Tourism from the URJC, Madrid, Spain. Professor of the design career at the PUCV School of Architecture and Design (EAD). She direct Design projects with emphasis in Graphic Design and Interaction Design. She is a member of the faculty of the Magister in Architecture and Design in the Extension, City and Habitability area.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Wilkomirsky, M. (2022). Design in Travesías: A View from the Global South. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 29-32). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.189>

Video  
Presentation



# Design in Travesías: A View from the Global South

## Keywords

Peripeteia; Design study plan; Impediments; Poetic view; Travesía.

In 1984 the Travesías was incorporated as a preponderant activity in the study plan for all the Architecture and Design workshops at the Pontificia Universidad Católica de Valparaíso from Chile. The voyages are study tours of professors and students whose purpose is to build together a work of design construction and light duration somewhere in America. The equation of the journey is always open: the place, the number of resources and impediments make it an adventure. But it is not an adventure without measure, but that of allowing ourselves to be surprised by some dimension of America that we do not know or believe we know, and then we feel in direct experience. The Travesías project constitutes the last of the inventions of the school, which, together with the Phalène, Ciudad Abierta and the churches built by the Work Workshops in the south of Chile, has been developing to fulfil the vision of inhabiting this American continent. It was to realize a utopia, of itself the unrealizable. However, the saying of poetry and the doing of design propose the fit of life, work, and study. The first step was forty years ago with the founding of

the Institute of Architecture, and ten years ago, the passage of the e Travesías that go out to tour the continent. These steps are not intermediaries for other purposes; if not so that our days are simultaneous to our work, and thus, we reach the present. After almost 20 years of experiencing these Travesías, we still ask ourselves about our poetic destiny as a vision of this America not discovered but founded as a gift. The journey, unlike the class in the classroom, incorporates the life of the student, their customs and social ties, as well as their personal characteristics, values, attitudes and knowledge of life. This can only be appreciated and evidenced through uprooting pedagogy in the classroom. Then, once the student is subjected to an extraordinary life regime, it will be precisely his most intimate thoughts and actions that will remain in all evidence, a situation that is difficult to obtain in the traditional and regulated structure that constitutes teaching in the classroom to this day. This presentation illustrates the last Design Travesía, held in November of the present year and the continuous question about our global south.

# Jornada do design: uma visão do sul global

## Palavras chave:

Peripeçia; Diseño de plan de estudios; Impedimentos; Visión poética; Travesía.

Em 1984 as Travessias foram incorporadas como atividade preponderante no plano de estudos de todas as oficinas de Arquitetura e Design da Pontificia Universidad Católica de Valparaíso do Chile. As viagens são viagens de estudo de professores e alunos cujo objetivo é construir juntos uma obra de construção de design e duração leve em algum lugar da América. A equação da viagem está sempre em aberto: o local, a quantidade de recursos e os impedimentos fazem dela uma aventura. Mas não é uma aventura sem medida, mas a de nos deixarmos surpreender por alguma dimensão da América que não conhecemos ou acreditamos conhecer, e então sentimos na experiência direta. O projeto Travesías constitui a última das invenções da escola, que junto com Phalène, Ciudad Abierta e as igrejas construídas pelas Oficinas de Trabalho no sul do Chile, vem desenvolvendo para cumprir a visão de habitar este continente americano. Era realizar uma utopia, de si mesma o irrealizável. No entanto, o dizer da poesia e o fazer do design propõem o encaixe da vida, do trabalho e do estudo. O primeiro passo foi há quarenta anos com a fundação do Instituto de Arquitectura, e

há dez anos, a passagem das e Travessias que saem a rodar o continente. Essas etapas não são intermediárias para outros fins; senão para que nossos dias sejam simultâneos ao nosso trabalho, e assim chegamos ao presente. Depois de quase 20 anos vivenciando essas Travessias, ainda nos perguntamos sobre nosso destino poético como visão dessa América não descoberta, mas fundada como dom. A jornada, diferentemente da aula em sala de aula, incorpora a vida do aluno, seus costumes e vínculos sociais, bem como suas características pessoais, valores, atitudes e conhecimentos de vida. Isso só pode ser valorizado e evidenciado por meio de uma pedagogia de desenraizamento em sala de aula. Então, uma vez que o aluno é submetido a um regime de vida extraordinário, serão precisamente os seus pensamentos e ações mais íntimos que permanecerão em toda a evidência, situação difícil de obter na estrutura tradicional e regulamentada que constitui o ensino em sala de aula para este dia. Esta apresentação ilustra a última Design Travesía, realizada em novembro do presente ano e a contínua indagação sobre o nosso sul global.



# Travesía de Diseño: una visión del Sur Global

## Palabras clave

Aventura; Proyecto de plano de estudios; Impedimentos; Visão poética; Travessia.

En 1984 se incorporan las Travesías como actividad preponderante en el plan de estudios de todos los talleres de Arquitectura y Diseño de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso de Chile.

Los viajes son viajes de estudio de profesores y estudiantes cuyo propósito es construir juntos una obra de construcción de diseño y duración ligera en algún lugar de América. La ecuación del viaje siempre está abierta: el lugar, la cantidad de recursos e impedimentos lo convierten en una aventura. Pero no es una aventura sin medida, sino la de dejarnos sorprender por alguna dimensión de América que no conocemos o creemos conocer, y luego nos sentimos en experiencia directa. El proyecto Travesías constituye la última de las invenciones de la escuela, que junto a la Phalène, Ciudad Abierta y las iglesias construidas por los Talleres del Trabajo en el sur de Chile, viene desarrollando para cumplir la visión de habitar este continente americano. Era realizar una utopía, de por sí lo irrealizable. Sin embargo, el decir de la poesía y el hacer del diseño proponen el encaje de la vida, el trabajo y el estudio. El primer paso fue hace cuarenta años con la fundación del Instituto

de Arquitectura, y hace diez años, el paso de las e Travesías que salen a recorrer el continente. Estos pasos no son intermediarios para otros fines; si no para que nuestros días sean simultáneos a nuestro trabajo, y así lleguemos al presente. Después de casi 20 años de vivir estas Travesías, todavía nos preguntamos por nuestro destino poético como visión de esta América no descubierta sino fundada como don. El viaje, a diferencia de la clase en el aula, incorpora la vida del alumno, sus costumbres y vínculos sociales, así como sus características personales, valores, actitudes y conocimientos de vida. Esto sólo puede apreciarse y evidenciarse a través del desarraigo de la pedagogía en el aula. Entonces, una vez sometido el alumno a un régimen de vida extraordinario, serán precisamente sus pensamientos y acciones más íntimas las que quedarán en toda evidencia, situación difícil de obtener en la estructura tradicional y reglada que constituye la enseñanza en el aula para este día. Esta presentación ilustra la última Travesía del Diseño, realizada en noviembre del presente año y la continua pregunta por nuestro sur global.

# Diana Albarrán

# ZAJEZUON

---

**DIANA ALBARRÁN GONZÁLEZ**

University of Auckland

<https://orcid.org/0000-0003-4093-6674>

Dr Diana Albarrán González is a Native Latin American design researcher and craftivist from Mexico. She is a Lecturer in the Design programmes at the Creative Arts and Industry faculty at the University of Auckland. With more than 18 years of international experience, she seeks to address challenges in a variety of contexts through a meaningful sense of culture, diversity awareness and sensitivity, and the exploration of connections between Moana-nui-a-Kiwa and Abya Yala.

**HOW TO QUOTE (APA7):**

Albarrán González, D. (2022). Weaving decolonising metaphors: Backstrap loom as design research methodology. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 33-36). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.186>

Video  
Presentation



# Weaving decolonising metaphors: Backstrap loom as design research methodology

## Keywords

Backstrap loom; Decolonization; Design Research; Metaphor; Methodology.

Decolonising approaches have challenged conventional Western research creating spaces for Indigenous, culturally-appropriate, and context-based research alternatives. Decolonising design movements have also challenged dominant Anglo-Eurocentric approaches giving visibility to other ways of thinking and doing design(s). Indigenous peoples have considered metaphors as important sense-making tools for knowledge transmission and research across different communities. In these contexts, Indigenous craft-design-arts have been used as metaphorical research methodologies and are valuable sources of knowledge generation, bringing concepts from the unseen to the physical realm manifested through our hands and bodies. In particular, Indigenous women have used the embodied practices of weaving and textile making as research methodology metaphors connecting the mind, body, heart and spirit. Situated in the highlands of Chiapas, this research proposes backstrap loom weaving as a decolonial design research methodology aligned with ancestral knowledge from Mesoamerica. For Mayan Tsotsil and Tzeltal peoples, jolobil or backstrap loom weaving is a biocultural knowledge linked to the weaver's well-being as part of a community and is a medium to reconnect with Indigenous ancestry and heritage. Resisting colonisation, this living textile knowledge and practice involve collective memory, adapting

and evolving through changes in time. Mayan textiles reflect culture, identity and worldview captured in the intricate patterns, colours, symbols, and techniques. Jolobil as a novel methodological proposal, interweaves decolonial theory, visual-digital-sensorial ethnography, co-design, textiles as resistance, Mayan cosmovision and collective well-being. Nevertheless, it requires the integration of onto-epistemologies from Abya Yala as fundamental approaches like sentipensar and corazonar. Jolobil embodies the interweaving of ancestral knowledge with creative practice where the symbolism of the components is combined with new research interpretations. In this sense, the threads of the warp (urdimbre) representing patrones sentipensantes findings are woven with the weft (trama) as the embodied reflexivity of sentipensar-corazonando. As the weaver supports the loom around her waist, the cyclical back and forth motion of weaving jolobil functions as analysis and creative exploration through sentipensar and corazonar creating advanced reflexive textile narratives. The interweaving of embodied metaphors and textiles with sentipensar, corazonar, mind, body, heart and spirit, contribute to the creation of decolonising alternatives to design research towards pluriversality, aligned with ways of being and doing research as Mesoamerican and Indigenous women.

# Tecendo metáforas descolonizadoras: o tear backstrap como metodologia de pesquisa em design

## Palavras Chave:

Tear de backstrap; Descolonização; Pesquisa em Design; Metáfora; Metodologia.

As visões coloniais modernas do Norte Global enfatizam demais a mente para a produção de conhecimento e a criação de sentido sobre as diferentes dimensões do corpo. No Sul Global, diferentes onto-epistemologias reconhecem que a compreensão vai além da mente como sentipensar (Fals Borda, 2009) e corazonar (Cepeda H., 2017; Pérez Moreno, 2012). Esta apresentação discute os insights significativos do aprendizado de tecelagem de tear traseiro (jolobil) como uma abordagem de descolonização. Durante minha jornada de pesquisa, um desejo intuitivo crescente de aprender o jolobil tornou-se uma experiência transformadora, mudando a direção e contribuindo para a investigação de diferentes maneiras. A reflexividade incorporada de jolobil conectando corpo, mente, coração e energia vital (espírito) em relação às pessoas e ao lugar permitiu uma construção de sentido holística de Lekil Kuxlejal, um Tsotsil maia e equivalente Tseltal de Buen Vivir. Considerando a importância das diferentes dimensões do corpo para a criação de sentido e a presença do coração na cultura maia (e mesoamericana), a documentação de meu aprendizado jolobil através dos “olhos do coração” serviu como uma janela para não experimentar apenas o processo complexo e trabalhoso de tecelagem de tear traseiro, mas também para permitir que os espectadores mergulhem no jolobil, uma compreensão do meu aprendizado corazonando. Jolobil, uma prática cultural pré-colonial ensinada pela deusa Ixchel, é atualmente uma prática viva diretamente relacionada ao bem-estar do tecelão como parte de uma

comunidade, e é um meio para se reconectar com a ancestralidade e herança indígenas. Também possui fortes dimensões afetivas, onde os tecelões requerem paciência e concentração para deixar o coração fluir pelos fios, nutrindo e orientando o processo, proporcionando uma sensação de harmonia, bem-estar e pertencimento. A prática do jolobil é frequentemente feita em torno da família ou em grupos, permitindo a integração intergeracional e a transmissão de conhecimento. Estes elementos, alinhados à minha herança cultural, foram integrados por meio da inclusão de meus familiares durante a pesquisa de campo, uma postura descolonial como mulher nativa latino-americana. Outra contribuição da minha experiência corporificada foi usar o jolobil como uma metáfora de pesquisa, tecendo teorias, métodos e ferramentas de diferentes disciplinas, como antropologia, sociologia e design, ao lado de conhecimentos indígenas. Usando a descolonização como um quadro transversal, esta abordagem metodológica entrelaça etnografia visual-digital-sensorial, codesign, cosmovisão maia (visão de mundo), têxteis como resistência e zapatismo para a exploração do que constitui uma vida justa e digna, Lekil Kuxlejal, para maia Tecelões Tsotsil e Tseltal, em colaboração coletiva e horizontal. Ecoando o apoio do tecelão ao tear com a parte inferior das costas, o jolobil inclui o conhecimento por meio de nossos corpos e práticas criativas, através da incorporação, sentipensar e corazonar como a integração de nós mesmos com o Todo, um ser único com o Todo.

# Tejiendo metáforas descolonizadoras: el telar de cintura como metodología de investigación en diseño

## Palabras clave:

Telar de cintura; Descolonización; Investigación de diseño; Metáfora; Metodología.

Los puntos de vista coloniales modernos del Norte Global exageran la mente para la producción de conocimiento y la construcción de sentido sobre las diferentes dimensiones del cuerpo. En el Sur Global, diferentes onto-epistemologías reconocen que la comprensión va más allá de la mente como sentipensar (Fals Borda, 2009) y corazonar (Cepeda H., 2017; Pérez Moreno, 2012). Esta presentación analiza las ideas significativas del aprendizaje del tejido en telar de cintura (jolobil) como un enfoque descolonizador. Durante mi viaje de investigación, un creciente deseo intuitivo de aprender jolobil se convirtió en una experiencia transformadora que cambió la dirección y contribuyó a la investigación de diferentes maneras. La reflexividad encarnada del jolobil que conecta cuerpo, mente, corazón y energía vital (espíritu) en la relación con las personas y el lugar permitió una toma de sentido holística del Lekil Kuxlejal, un equivalente maya Tsotsil y Tseltal del Buen Vivir. Considerando la importancia de las diferentes dimensiones del cuerpo para la toma de sentido y la presencia del corazón en las culturas mayas (y mesoamericanas), la documentación de mi aprendizaje de jolobil a través de "los ojos del corazón" sirvió como una ventana para experimentar no sólo el laborioso y complejo proceso del tejido en telar de cintura, sino también para permitir que los espectadores se sumerjan en el jolobil, una comprensión de mi aprendizaje corazonando. El jolobil, una práctica cultural precolonial enseñada por la diosa Ixchel, es actualmente una práctica viva directamente relacionada con el bienestar del tejedor como parte de una comunidad, y es un

medio para reconectarse con la ascendencia y el patrimonio indígenas. También tiene fuertes dimensiones emocionales-afectivas donde los tejedores requieren paciencia y concentración para dejar fluir el corazón a través de los hilos, nutriendo y guiando el proceso proporcionando una sensación de armonía, bienestar y pertenencia. La práctica del jolobil se realiza con frecuencia en familia o en grupos, lo que permite la integración intergeneracional y la transmisión de conocimientos. Estos elementos, alineados con mi herencia cultural, se integraron a través de la inclusión de los miembros de mi familia durante la investigación de campo, una postura decolonial como mujer nativa latinoamericana. Otra contribución de mi experiencia encarnada fue usar el jolobil como una metáfora de investigación entretejiendo teorías, métodos y herramientas de diferentes disciplinas como la antropología, la sociología y el diseño junto con los conocimientos indígenas. Utilizando la descolonización como marco transversal, este enfoque metodológico entrelaza la etnografía visual-digital-sensorial, el co-diseño, la cosmovisión maya, los textiles como resistencia y el Zapatismo para la exploración de lo que constituye una vida justa y digna, Lekil Kuxlejal, para los tejedores Tsotsil y Tseltal mayas en colaboración colectiva y horizontal. Haciendo eco del apoyo del tejedor al telar con su espalda baja, el jolobil incluye el conocimiento a través de nuestro cuerpo y crea prácticas a través de la encarnación, el sentipensar y el corazonar, como la integración de nosotros mismos con el todo, a ser uno con el todo.

# Rodrigo

& Tom Roa

## RODRIGO HILL

University of Waikato

<https://orcid.org/0000-0003-3943-0393>

Rodrigo Hill is a lecturer at the University of Waikato Te Kura Toi School of Arts. He completed a practice-led PhD in 2019 focusing on the multiple possibilities that surround photographic practices and how photography is used as a way to perceive and make place. Rodrigo's creative interests are rooted at the intersection of lens based approaches and place-making processes in which photography plays the role of representing layered 'place-imaginaries'.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Hill, R. and Roa, T. (2022). Place-making: Wānanga based photographic approaches. In M. Mortensen Steagall and S. Nesterluk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 37-40). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.188>

## TOM ROA

University of Waikato

<https://orcid.org/0000-0002-3774-7891>

Professor Tom Roa (Ngāti Maniapoto, Waikato) is a Tainui leader and Manukura / Professor in the University of Waikato's Te Pua Wananga ki te Ao - Faculty of Māori and Indigenous Studies, and is a familiar figure on marae throughout Tainui and the country. Tom's PhD examined the theory and practices of Māori to English language translation and interpretation. Over the years, Tom has been a leading figure helping to bring the Māori language, and he is one of the founders of Te Wiki o Te Reo Māori movement in the 1970s.

Video  
Presentation



# Place-making: Wānanga based photographic approaches

## Keywords

Kaupapa Māori; King Country; Photography; Place-making; Wānanga.

Ka matakitaki iho au ki te riu o Waikato

Ano nei hei kapo kau ake maaku

Ki te kapu o taku ringa,

The words above are from the poem Māori King Tawhiao wrote expressing his love for his homelands of the Waikato and the region known today as the King Country. The words translate to: "I look down on the valley of Waikato, As though to hold it in the hollow of my hand." Now imagine a large-scale photograph depicting a close-up frame of cupped hands trying to hold something carefully. The words above inform Professor Tom Roa and Dr. Rodrigo Hill's current research project titled Te Nehenehenui - The Ancient Enduring Beauty in the Great Forest of the King Country. With this project still in its early stages the research team will present past collaborations which they will show leads into new ideas and discussions about photography, wānanga, and place representation. They focus on Māori King Tawhiao's finding refuge in Te Nehenehenui, later called the King Country in his honour. He led many of his Waikato people into this refuge as a result of the British Invasion and confiscation of their Waikato lands in the latter part of the nineteenth century. The love of and for those lands prompted him to compose his 'maioha' - this poem painting a word-picture of these spaces which their photography humbly aims to portray. The project advances the use of wānanga (forums and meetings through which knowledge is discussed and passed on) and

other reflective practices, engaging with mana whenua and providing a thread which will guide the construction of the photographic images. The name Te Nehenehenui was conceptualised by Polynesian ancestors who travelled from Tahiti and were impressed with the beauty of the land and the vast verdant forests of the King Country territories in the North Island of Aotearoa New Zealand. The origins of the name and further relevant historical accounts have been introduced and discussed by Professor Tom Roa (Ngāti Apakura, Ngāti Hinewai), Shane Te Ruki (Ngāti Unu, Ngāti Kahu) and Doug Ruki (Ngāti Te Puta I Te Muri, Ngāti Te Kanawa, Ngāti Peehi) in the TVNZ Waka Huia documentary series. The documentary provides a compelling account of the origins of the name Te Nehenehenui, thus informing this project's core ideas and objectives. The research fuses wānanga, that is Mātauranga Māori, and photographic research approaches in novel ways. It highlights the importance of local Waikato-Maniapoto cosmological narratives and Māori understandings of place in their intersecting with the Western discipline of photography. This practice-led research focuses on photography and offers innovative forms of critical analysis and academic argumentation by constructing, curating, and presenting the photographic work as a public gallery exhibition. For this edition of the LINK Conference, the research team will present early collaborations and current research developments exploring place-making and wānanga as both methodology and photography practice.

# Place-making: abordagens fotográficas baseadas em Wānanga

## Palavras Chave:

Kaupapa Māori; King Country; Fotografia; Place-making; Wānanga.

Ka matakitaki iho au ki te riu o Waikato

Ano nei hei kapo kau ake maaku

Ki te kapu o taku ringa,

As palavras acima são do poema Māori King Tawhiao escrito expressando seu amor por sua terra natal de Waikato e a região hoje conhecida como King Country. As palavras se traduzem em: “Eu olho para o vale de Waikato, como se para segurá-lo na palma da minha mão”. Agora imagine uma fotografia em grande escala retratando um close-up de mãos em concha tentando segurar algo com cuidado. As palavras acima informam o atual projeto de pesquisa do Professor Tom Roa e do Dr. Rodrigo Hill intitulado Te Nehenehenui - A Antiga Beleza Duradoura na Grande Floresta do País do Rei. Com este projeto ainda em seus estágios iniciais, a equipe de pesquisa apresentará colaborações anteriores que mostrarão novas ideias e discussões sobre fotografia, wānanga e representação de lugares. Eles se concentram no refúgio do rei Māori Tawhiao em Te Nehenehenui, mais tarde chamado de País do Rei em sua homenagem. Ele levou muitos de seu povo Waikato a este refúgio como resultado da invasão britânica e do confisco de suas terras Waikato na última parte do século XIX. O amor por e por aquelas terras levou-o a compor a sua *'maioha'* – este poema que pinta uma palavra-imagem destes espaços que a sua fotografia pretende humildemente retratar. O projeto avança no uso de wānanga (fóruns e reuniões por meio das quais o conhecimento é discutido e repassado)

e outras práticas reflexivas, envolvendo-se com mana whenua e fornecendo um fio condutor que guiará a construção das imagens fotográficas. O nome Te Nehenehenui foi concebido por ancestrais polinésios que viajaram do Tahiti e ficaram impressionados com a beleza da terra e as vastas florestas verdejantes dos territórios do King Country na Ilha Norte de Aotearoa, Nova Zelândia. As origens do nome e outros relatos históricos relevantes foram apresentados e discutidos pelo professor Tom Roa (Ngāti Apakura, Ngāti Hinewai), Shane Te Ruki (Ngāti Unu, Ngāti Kahu) e Doug Ruki (Ngāti Te Puta I Te Muri, Ngāti Te Kanawa, Ngāti Peehi) na série de documentários TVNZ Waka Huia. O documentário fornece um relato convincente das origens do nome Te Nehenehenui, informando assim as principais ideias e objetivos deste projeto. A pesquisa funde wānanga, ou seja, Mātauranga Māori, e abordagens de pesquisa fotográfica de novas maneiras. Ele destaca a importância das narrativas cosmológicas locais de Waikato-Maniapoto e os entendimentos Māori de lugar em sua interseção com a disciplina ocidental da fotografia. Esta pesquisa orientada para a prática se concentra na fotografia e oferece formas inovadoras de análise crítica e argumentação acadêmica, construindo, curando e apresentando o trabalho fotográfico na forma de uma exposição de galeria pública. Para esta edição da LINK Conference, a equipe de pesquisa apresentará colaborações iniciais e desenvolvimentos de pesquisa atuais explorando place-making e wānanga como metodologia e prática fotográfica.



# Creación de lugares: enfoques fotográficos basados en Wānanga

## Palabras clave:

Kaupapa Māori; King Country; Fotografía; Creación de lugares, Wānanga.

Ka matakitaki iho au ki te riu o Waikato

Ano nei hei kapo kau ake maaku

Ki te kapu o taku ringa,

Las palabras anteriores son del poema que el rey maorí Tawhiao escribió expresando su amor por sus tierras natales de Waikato y la región conocida hoy como el País del Rey. Las palabras se traducen como: "Miro hacia abajo en el valle de Waikato, como si lo sostuviera en el hueco de mi mano". Ahora imagina una fotografía a gran escala que muestra un primer plano de manos ahuecadas tratando de sostener algo con cuidado. Las palabras anteriores informan el proyecto de investigación actual del profesor Tom Roa y el Dr. Rodrigo Hill titulado Te Nehenehenui: la antigua belleza duradera en el Gran Bosque del País del Rey. Con este proyecto aún en sus primeras etapas, el equipo de investigación presentará colaboraciones anteriores que mostrarán nuevas ideas y debates sobre fotografía, wānanga y representación de lugares. Se centran en la búsqueda de refugio del rey maorí Tawhiao en Te Nehenehenui, más tarde llamado King Country en su honor. Condujo a muchos de sus habitantes de Waikato a este refugio como resultado de la invasión británica y la confiscación de sus tierras de Waikato a fines del siglo XIX. El amor por y por esas tierras le impulsó a componer su 'maioha', este poema pintando una imagen-palabra de estos espacios que su fotografía pretende humildemente retratar. El proyecto avanza en el uso de wānanga (foros y encuentros en los que se discute y transmite el conocimiento) y otras prácticas

reflexivas, interactuando con mana whenua y proporcionando un hilo conductor que guiará la construcción de las imágenes fotográficas. El nombre Te Nehenehenui fue conceptualizado por ancestros polinesios que viajaron desde Tahití y quedaron impresionados con la belleza de la tierra y los vastos bosques verdes de los territorios de King Country en la Isla Norte de Aotearoa, Nueva Zelanda. El profesor Tom Roa (Ngāti Apakura, Ngāti Hinewai), Shane Te Ruki (Ngāti Unu, Ngāti Kahu) y Doug Ruki (Ngāti Te Puta I Te Muri, Ngāti Te Kanawa, Ngāti Peehi) en la serie documental de TVNZ Waka Huia. El documental proporciona un relato convincente de los orígenes del nombre Te Nehenehenui, informando así las ideas y objetivos centrales de este proyecto. La investigación fusiona wānanga, es decir, Mātauranga Māori, y enfoques de investigación fotográfica de formas novedosas. Destaca la importancia de las narrativas cosmológicas locales de Waikato-Maniapoto y la comprensión maorí del lugar en su intersección con la disciplina occidental de la fotografía. Esta investigación guiada por la práctica se centra en la fotografía y ofrece formas innovadoras de análisis crítico y argumentación académica mediante la construcción, curaduría y presentación del trabajo fotográfico en forma de exposición pública en una galería. Para esta edición de la Conferencia LINK, el equipo de investigación presentará colaboraciones tempranas y desarrollos de investigación actuales que exploran la creación de lugares y wānanga como metodología y práctica fotográfica.

# Marcos Mortensen Steagall

---

## MARCOS MORTENSEN STEAGALL

Auckland University of Technology

<https://orcid.org/0000-0003-2108-4445>

Marcos Mortensen Steagall is an Associate Professor in the Communication Design department at the Auckland University of Technology - AUT, where he started in February 2016. He is the Communication Design Postgraduate Strand Leader and Programme Leader for Communication Design and Interaction Design for Year 3. He holds a Master's (2000) and PhD (2006) in Communication & Semiotics acquired from The Pontifical Catholic University of Sao Paulo, Brazil, and a PhD in Art & Design from Auckland University of Technology in 2019. His research interests are connected to visual semiotics; indigenous epistemologies and practice-oriented research methodologies in Art, Design and Technology; Lens-based image-making and indigenous epistemology.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Mortensen Steagall, M. (2022). Reo Rua (Two Voices): a cross-cultural Māori-non-Māori creative collaboration. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 41-44).

DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.184>

Video  
Presentation



# Reo Rua (Two Voices): a cross-cultural Māori–non–Māori creative collaboration

## Keywords

Cross-cultural collaboration; Design Research; Indigenous knowledge; Maori-non-Maori creative partnership;

In the last decades, there has been an emergence of an academic discourse called Indigenous knowledge internationally, creating a myriad of possibilities for research led by creative practice. In Aotearoa, New Zealand, Māori creative practice has enriched and shifted the conceptual boundaries around how research is conducted in the Western academy because they provide access to other ways of knowing and alternative approaches to leading and presenting knowledge. The contributions of Māori researchers to the Design field are evidenced through research projects that navigate across philosophical, inter-generational, geographical and community boundaries. Their creative practices are used to map the historical trajectories of their whakapapa and the stories of survival in the modern world. They overturn research norms and frame knowledge to express the values of Tikanga and Mātauranga Māori. Despite the exponential growth in the global interest in Indigenous knowledge, there is still little literature about creative collaborations between Māori–non–Māori practitioners. These collaborative research approaches require the observation of Māori principles for a respectful process which upholds the mana (status, dignity) of participants and the research. This presentation focuses on four collaborative partnerships between Māori–non–Māori practitioners that challenge conceptions of ethnicity and reflect the complexity of a global multi-ethnic society. The first project is: The Māui Narratives: From Bowdlerisation, Dislocation and Infantilisation to Veracity, Relevance and Connection, from the Tuhoē film director Dr Robert Pouwhare. In this PhD project, I established a collaboration to photograph Dr Pouwhare's homeland in Te Urewera, one of the

most exclusive and historical places in Aotearoa. The second project is: Applying a kaupapa Māori paradigm to researching takatāpui identities, a practice-led PhD research developed by Maori artist and performer Tangaroa Paora. In this creative partnership, I create photographic portraits of the participants, reflecting on how to respond to the project's research question: How might an artistic reconsideration of gender role differentiation shape new forms of Māori performative expression. The third project is: KO WAI AU? Who am I?, a practice-led PhD project that asks how a Māori documentary maker from this iwi (tribe) might reach into the grief and injustice of a tragic historical event in culturally sensitive ways to tell the story of generational impact from Toiroa Williams. In this creative partnership, I worked with photography to record fragments of the colonial accounts of the 1866 execution of Toiroa's ancestor Mokomoko. The fourth project is: Urupā Tautaiāo (natural burials): Revitalising ancient customs and practices for the modern world by Professor Hinematau McNeil, Marsden-funded research. The project conceives a pragmatic opportunity for Māori to re-evaluate, reconnect, and adapt ancient customs and practices for the modern world. In this creative collaboration, I photographed an existing grave in the urupā (burial ground) at xxx, a sacred place for Māori. This presentation is grounded in phenomenological research methodologies and methods of embodiment and immersion. It contributes to the understanding of cross-cultural and intercultural creativity. It discusses how shared conceptualisation of ideas, immersion in different creative processes, personal reflection and development over time can foster collaboration.

# Reo Rua (Two Voices): uma colaboração criativa Māori-non-Māori intercultural

## Palavras Chave:

Colaboração intercultural; Pesquisa em Design; Conhecimento indígena Maori-non-Maori

Nas últimas décadas, emergiu internacionalmente um discurso acadêmico denominado conhecimento indígena, criando uma miríade de possibilidades de pesquisa conduzidas pela prática criativa. Em Aotearoa, Nova Zelândia, a prática criativa Māori enriqueceu e mudou as fronteiras conceituais sobre como a pesquisa é conduzida na academia ocidental porque fornece acesso a outras formas de conhecimento e abordagens alternativas para conduzir e apresentar o conhecimento. As contribuições dos pesquisadores Māori para o campo do Design são evidenciadas por meio de projetos de pesquisa que cruzam fronteiras filosóficas, intergeracionais, geográficas e comunitárias. Suas práticas criativas são usadas para mapear as trajetórias históricas de seu whakapapa e as histórias de sobrevivência no mundo moderno. Eles derrubam as normas de pesquisa e moldam o conhecimento para expressar os valores de Tikanga e Mātauranga Maori. Apesar do crescimento exponencial do interesse global pelo conhecimento indígena, ainda há pouca literatura sobre colaborações criativas entre praticantes Māori-não-Māori. Essas abordagens de pesquisa colaborativa requerem a observação dos princípios Māori para um processo respeitoso que sustenta o mana (status, dignidade) dos participantes e da pesquisa. Esta apresentação enfoca quatro parcerias colaborativas entre praticantes Māori-não-Māori que desafiam as concepções de etnia e refletem a complexidade de uma sociedade multiétnica global. O primeiro projeto é: The Māui Narratives: From Bowdlerisation, Dislocation and Infantilisation to Veracity, Relevance and Connection, do diretor de cinema de Tuhoe, Dr. Robert Pouwhare. Neste projeto de doutorado, estabeleci uma colaboração para fotografar a terra natal do Dr. Pouwhare em Te Urewera, um dos lugares

mais exclusivos e históricos de Aotearoa. O segundo projeto é: Aplicar um paradigma kaupapa Māori à pesquisa de identidades takatāpui, uma pesquisa de doutorado orientada para a prática desenvolvida pelo artista e performer maori Tangaroa Paora. Nesta parceria criativa, crio retratos fotográficos dos participantes, refletindo sobre como responder à questão de pesquisa do projeto: como uma reconsideração artística da diferenciação de papéis de gênero pode moldar novas formas de expressão performativa Māori. O terceiro projeto é: KO WAI AU? Quem sou eu?, um projeto de doutorado conduzido pela prática que pergunta como um documentarista Māori desta iwi (tribo) pode abordar a dor e a injustiça de um trágico evento histórico de maneiras culturalmente sensíveis para contar a história do impacto geracional de Toiroa Williams. Nessa parceria criativa, trabalhei com a fotografia para registrar fragmentos dos relatos coloniais da execução em 1866 do ancestral de Toiroa, Mokomoko. O quarto projeto é: Urupā Tautaiiao (enterros naturais): revitalizando costumes e práticas antigas para o mundo moderno pelo professor Hinematau McNeil, pesquisa financiada por Marsden. O projeto concebe uma oportunidade pragmática para Māori reavaliar, reconectar e adaptar costumes e práticas antigas para o mundo moderno. Nesta colaboração criativa, fotografei uma sepultura existente no urupā (cemitério) em xxx, um local sagrado para Māori. Esta apresentação é fundamentada em metodologias de pesquisa fenomenológica e métodos de incorporação e imersão. Contribui para a compreensão da criatividade transcultural e intercultural. Ele discute como a conceituação compartilhada de ideias, a imersão em diferentes processos criativos, a reflexão pessoal e o desenvolvimento ao longo do tempo podem promover a colaboração.

# Reo Rua (Dos voces): una colaboración creativa intercultural maorí-no maorí

## Palabras clave:

Colaboración intercultural; Investigación de diseño; Conocimiento indígena; Asociación creativa

En las últimas décadas, ha habido un surgimiento de un discurso académico llamado conocimiento indígena a nivel internacional, creando una mirada de posibilidades para la investigación liderada por la práctica creativa. En Aotearoa, Nueva Zelanda, la práctica creativa maorí ha enriquecido y cambiado los límites conceptuales sobre cómo se lleva a cabo la investigación en la academia occidental porque brindan acceso a otras formas de conocimiento y enfoques alternativos para dirigir y presentar el conocimiento. Las contribuciones de los investigadores maoríes al campo del diseño se evidencian a través de proyectos de investigación que navegan a través de fronteras filosóficas, intergeneracionales, geográficas y comunitarias. Sus prácticas creativas se utilizan para mapear las trayectorias históricas de su whakapapa y las historias de supervivencia en el mundo moderno. Anulan las normas de investigación y enmarcan el conocimiento para expresar los valores de Tikanga y Mātauranga Māori. A pesar del crecimiento exponencial del interés mundial por el conocimiento indígena, todavía hay poca literatura sobre colaboraciones creativas entre practicantes maoríes y no maoríes. Estos enfoques de investigación colaborativa requieren la observación de los principios maoríes para un proceso respetuoso que defienda el mana (estatus, dignidad) de los participantes y la investigación. Esta presentación se centra en cuatro asociaciones colaborativas entre practicantes maoríes y no maoríes que desafían las concepciones de etnicidad y reflejan la complejidad de una sociedad multiétnica global. El primer proyecto es: *The Māui Narratives: From Bowdlerisation, Dislocation and Infantilisation to Veracity, Relevance and Connection*, del director de cine de Tuhoe, el Dr. Robert Pouwhare. En este proyecto de doctorado, establecí una colaboración para fotografiar la tierra natal del Dr. Pouwhare en Te Urewera, uno de los lugares más

exclusivos e históricos de Aotearoa. El segundo proyecto es: *Aplicar un paradigma maorí kaupapa a la investigación de las identidades takatāpui*, una investigación de doctorado dirigida por la práctica desarrollada por el artista e intérprete maorí Tangaroa Paora. En esta asociación creativa, creo retratos fotográficos de los participantes, reflexionando sobre cómo responder a la pregunta de investigación del proyecto: ¿Cómo podría una reconsideración artística de la diferenciación de roles de género dar forma a nuevas formas de expresión performativa maorí? El tercer proyecto es: *KO WAI AU? ¿Quién soy yo?*, un proyecto de doctorado dirigido por la práctica que pregunta cómo un documentalista maorí de esta iwi (tribu) podría abordar el dolor y la injusticia de un evento histórico trágico de maneras culturalmente sensibles para contar la historia del impacto generacional de Toiroa Williams. En esta asociación creativa, trabajé con la fotografía para registrar fragmentos de los relatos coloniales de la ejecución en 1866 del antepasado de Toiroa, Mokomoko. El cuarto proyecto es: *Urupā Tautaiiao (entierros naturales): Revitalización de costumbres y prácticas antiguas para el mundo moderno* del profesor Hinematau McNeil, investigación financiada por Marsden. El proyecto concibe una oportunidad pragmática para que los maoríes reevalúen, reconecten y adapten las costumbres y prácticas antiguas al mundo moderno. En esta colaboración creativa, fotografié una tumba existente en el urupā (cementerio) en xxx, un lugar sagrado para los maoríes. Esta presentación se basa en metodologías de investigación fenomenológica y métodos de incorporación e inmersión. Contribuye a la comprensión de la creatividad transcultural e intercultural. Discute cómo la conceptualización compartida de ideas, la inmersión en diferentes procesos creativos, la reflexión personal y el desarrollo a lo largo del tiempo pueden fomentar la colaboración.

# Hinematau HINEMATAU

---

## HINEMATAU MCNEILL - TAPUIKA, NGĀTI MOKO

Auckland University of Technology

<https://orcid.org/0000-0003-2604-7715>

Professor Hinematau McNeill is Tapuika, Ngāti Moko and has always maintained active involvement in Māori communities, which informs her research. As a Treaty negotiator for her tribe, she was responsible for the historical portfolio. Tapuika settled with the Crown in 2014. One of the first Māori woman appointed to a national governance role in Women's Refuge. Hinematau was also invited to the prestigious Iwi Leaders Forum. She has an interest in artistic practice-led research that has afforded emerging scholars to operate creatively in a way that values and acknowledges indigenous epistemologies and ways of working. She believes that when indigenous knowledge is truly valued, it is not only a decolonising force, but can enrich our collective lived experience.

### HOW TO QUOTE (APA7):

MacNeill, H., D. (2022). Urupā Tautaiāo: Revitalising ancient customs and practices for the modern world. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 45-48). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.178>

Video  
Presentation



# Urupā Tautaiiao: Revitalising ancient customs and practices for the modern world

## Keywords

Decolonising design; Indigenous design; Ngāti Moko; Maori Knowledge; Urupā tautaiiao (natural burials).

This urupā tautaiiao (natural burials) research is a Marsden funded project with a decolonising agenda. It presents a pragmatic opportunity for Māori to re-evaluate, reconnect, and adapt ancient customs and practices for the modern world. The design practice output focus is the restoration of existing graves located in the urupā (burial ground) of the Ngāti Moko, a hapū (subtribe) of the Tapuika tribe that occupy ancestral land in central North Island of New Zealand. In preparation for the gravesite development, a series of hui a hapū (tribal meetings) were held to engage and encourage participation in the research. The final design, which honours pre-contact customary practices, involved collaboration between the tribe, an ecologist, and a landscape architect. Hui a hapū included workshops exploring ancient burial practices. Although pre-contact Māori interred the dead in a variety of environmentally sustainable ways, funerary practices have dramatically shifted due to colonisation. Consequently, Māori have adopted environmentally damaging European practices that includes chemical embalming, concrete gravestones, and water and soil pollution. Mindful of tribal diversity, post-colonial tangihanga (customary Māori funerals) incorporate distinctively Māori and European, customary beliefs and practices. Fortuitously, they have also retained the essence of tūturu (authentic) Māori traditions that reinforce tribal identity and social cohesion. Tūturu traditions are incorporated into the design of the gravesite. Surrounded by

conventional gravestones, and using only natural materials, the gravesite aspires to capture the beauty of nature embellished with distinctively Māori cultural motifs. Low maintenance native plants are intersected with four pou (traditional carvings) that carry pūrākau (Māori sacred narratives) of life and death. This dialectical concept is accentuated in the pou depicting Papatūānuku (Earth Mother). Etched into her womb is a coiled umbilical cord referencing life. Reminding us that, although in death we return to her womb, it is also a place that nurtures life. Hoki koe ki a Papatūānuku, ki te kōpū o te whenua (return to the womb of Papatūānuku) is often heard during ritual speeches at tangihanga. The pou also commemorates our connection to the gods. According to Māori beliefs, the primeval parents Papatūānuku (Earth) and Ranginui (Sky) genealogically link people and the environment together through whakapapa (kinship). Whakapapa imposes on humankind, kaitiakitanga (guardianship), responsibility for the wellbeing of the natural environment. In death, returning to Papatūānuku in a natural way, gives credence to kaitiakitanga. This presentation focuses on a project that encourages Māori to embrace culturally compatible burials that are affordable, environmentally responsible, and visually aesthetic. It also has the potential to encourage other indigenous communities to explore their own alternative, culturally unique and innovative ways to address modern death and burial challenges.

# Urupā Tautaiiao: Revitalizando costumes e práticas antigas para o mundo moderno

## Palavras Chave:

Design descolonizador; Design indígena; Ngāti Moko; Conhecimento Maori; Urupā tautaiiao.

Esta pesquisa de urupā tautaiiao (enterros naturais) é um projeto financiado por Marsden com uma agenda de descolonização. Apresenta uma oportunidade pragmática para Māori reavaliar, reconectar e adaptar costumes e práticas antigas para o mundo moderno. O foco da prática de design é a restauração de sepulturas existentes localizadas no urupā (cemitério) do Ngāti Moko, um hapū (subtribo) da tribo Tapuika que ocupa terras ancestrais no centro da Ilha Norte da Nova Zelândia. Em preparação para o desenvolvimento do túmulo, uma série de hui a hapū (reuniões tribais) foi realizada para engajar e encorajar a participação na pesquisa. O projeto final, que homenageia as práticas costumeiras pré-contato, envolveu a colaboração entre a tribo, um ecologista e um arquiteto paisagista. Hui a hapū incluiu oficinas explorando antigas práticas funerárias. Embora os Māori pré-contato enterrassem os mortos de várias maneiras ambientalmente sustentáveis, as práticas funerárias mudaram drasticamente devido à colonização. Consequentemente, os Māori adotaram práticas europeias prejudiciais ao meio ambiente, que incluem embalsamamento químico, lápides de concreto e poluição da água e do solo. Conscientes da diversidade tribal, os tangihanga pós-coloniais (funerais Māori habituais) incorporam crenças e práticas distintivamente Māori e europeias. Felizmente, eles também mantiveram a essência das tradições māori tūturu (autênticas) que reforçam a identidade tribal e a coesão social. As tradições Tūturu são incorporadas ao design do túmulo.

Cercado por lápides convencionais e usando apenas materiais naturais, o túmulo pretende capturar a beleza da natureza embelezada com motivos culturais distintamente Māori. Plantas nativas de baixa manutenção são cruzadas com quatro pou (entalhes tradicionais) que carregam pūrākau (narrativas sagradas Māori) de vida e morte. Este conceito dialético é acentuado no pou representando Papatūānuku (Terra Mãe). Gravado em seu ventre está um cordão umbilical enrolado referenciando a vida. Lembrando-nos que, embora na morte voltemos ao seu ventre, é também um lugar que nutre a vida. Hoki koe ki a Papatūānuku, ki te kōpū o te whenua (retorno ao ventre de Papatūānuku) é frequentemente ouvido durante discursos rituais em tangihanga. O pou também comemora nossa conexão com os deuses. De acordo com as crenças Māori, os pais primordiais Papatūānuku (Terra) e Ranginui (Céu) ligam genealogicamente as pessoas e o meio ambiente através de whakapapa (parentesco). Whakapapa impõe à humanidade, kaitiakitanga (tutela), a responsabilidade pelo bem-estar do ambiente natural. Na morte, retornar a Papatūānuku de forma natural, dá crédito a kaitiakitanga. Esta apresentação se concentra em um projeto que incentiva os Māori a adotar enterros culturalmente compatíveis que sejam acessíveis, ambientalmente responsáveis e visualmente estéticos. Também tem o potencial de encorajar outras comunidades indígenas a explorar suas próprias formas alternativas, culturalmente únicas e inovadoras de enfrentar os desafios modernos da morte e do enterro.



# Urupā Tautaiāo: Revitalizando costumes e prácticas antiguas para o mundo moderno

## Palabras clave:

Diseño descolonizador; Diseño indígena; Ngāti Moko; Conocimiento Māori; Urupā tautaiāo.

Esta investigación sobre urupā tautaiāo (entierros naturales) es un proyecto financiado por Marsden con una agenda de descolonización. Presenta una oportunidad pragmática para que maoríes reevalúen, reconecten y adapten las costumbres y prácticas antiguas al mundo moderno. El enfoque de salida de la práctica de diseño es la restauración de tumbas existentes ubicadas en el urupā (cementerio) de Ngāti Moko, una hapū (subtribu) de la tribu Tapuika que ocupa tierras ancestrales en el centro de la Isla Norte de Nueva Zelanda. En preparación para el desarrollo de la tumba, se llevó a cabo una serie de hui a hapū (reuniones tribales) para involucrar y alentar a la participación en la investigación. El diseño final, que honra las prácticas tradicionales anteriores a la colonización, involucró la colaboración entre la tribu, un ecologista y un arquitecto paisajista. Hui a hapū incluyó talleres que exploraban las antiguas prácticas funerarias. Aunque los maoríes anteriores al contacto enterraban a sus muertos en una variedad de formas ambientalmente sostenibles, las prácticas funerarias han cambiado drásticamente debido a la colonización. En consecuencia, los maoríes han adoptado prácticas europeas perjudiciales para el medio ambiente que incluyen embalsamamiento químico, lápidas de hormigón y contaminación del agua y el suelo. Conscientes de la diversidad tribal, los tangihanga poscoloniales (funerales tradicionales maoríes) incorporan creencias y prácticas consuetudinarias distintivamente maoríes y europeas. Afortunadamente, también han conservado la esencia de las tradiciones maoríes tūturu (auténticas) que refuerzan la identidad tribal y la cohesión social. Las tradiciones tūturu

se incorporan al diseño de la tumba. Rodeada de lápidas convencionales y utilizando únicamente materiales naturales, la tumba aspira a capturar la belleza de la naturaleza adornada con motivos culturales distintivos maoríes. Las plantas nativas de bajo mantenimiento se cruzan con cuatro pou (tallas tradicionales) que llevan pūrākau (narrativas sagradas maoríes) de la vida y la muerte. Este concepto dialéctico se acentúa en el pou que representa a Papatūānuku (Madre Tierra). Grabado en su útero, hay un cordón umbilical enrollado que hace referencia a la vida, recordándonos que, aunque en la muerte volvemos a su vientre, también es un lugar que nutre la vida. Hoki koe ki a Papatūānuku, ki te kōpū o te whenua (regreso al útero de Papatūānuku) se escucha a menudo durante los discursos rituales en tangihanga. El pou también conmemora nuestra conexión con los dioses. Según las creencias maoríes, los padres primitivos Papatūānuku (Tierra) y Ranginui (Cielo) vinculan genealógicamente a las personas y el medio ambiente a través de whakapapa (parentesco). Whakapapa impone a la humanidad, kaitiakitanga (tutela), la responsabilidad por el bienestar del entorno natural. En la muerte, regresar a Papatūānuku de forma natural, da crédito a kaitiakitanga. Esta presentación se centra en un proyecto que alienta a los maoríes a adoptar entierros culturalmente compatibles que sean asequibles, ambientalmente responsables y visualmente estéticos. También tiene el potencial de alentar a otras comunidades indígenas a explorar sus propias formas alternativas, culturalmente únicas e innovadoras para abordar los desafíos modernos de la muerte y el entierro.

# Tangaroa Paora

---

## TANGAROA PAORA - MURIWHENUA

Auckland University of Technology

<https://orcid.org/0000-0001-9722-6732>

Tangaroa Paul (they/them) of Muriwhenua descent, is in their final year of a PhD in practice-led research that explores gender role differentiation through the nature of performative expression. They also lecture in Te Ara Poutama - Faculty of Māori and Indigenous Studies at Auckland University of Technology, teaching in te reo Māori, Media, Gender Studies and more. Tangaroa is passionate about Kapa Haka (Māori Performing Arts) and is finding a space for gender fluidity to exist in this art form.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Paora, T. (2022). Applying a kaupapa Māori paradigm to researching takatāpui identities. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 49-52). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.179>

Video  
Presentation



## Applying a kaupapa Māori paradigm to researching takatāpui identities

### Keywords

Kanohi ki te kanohi interviewing; Kaupapa Māori; Mana; Manaakitanga; Takatāpui.

In this practice-led doctoral thesis I adopt a Kaupapa Māori paradigm, where rangahau (gathering, grouping and forming, to create new knowledge and understanding), is grounded in a cultural perspective and Māori holistic worldview that is respectful of tikanga Māori (customs) and āhuatanga Māori (cultural practices). The case study that forms the focus of the presentation asks, "How might an artistic reconsideration of gender role differentiation shape new forms of Māori performative expression". In addressing this, the researcher is guided and upheld by five mātāpono (principles):

He kanohi kitea (a face seen, is appreciated)

Titiro, whakarongo, kōrero (looking, listening and speaking)

Manaakitanga (sharing and hosting people, being generous)

Kia tūpato (being cautious)

Kāua e takahi i te mana o te tangata (avoiding trampling on the mana of participants).

In connecting these principles and values that are innate within te ao Māori (Māori people and culture) the paper unpacks a distinctive approach taken to interviewing and photographing nine takatāpui tāne (Māori males whose sexuality and gender identification are non-heteronormative). These men's narratives of experience form the cornerstone of the inquiry that has a research focus on tuakiritanga (identity) where performative expression and connectivity to Māori way of being, causes individuals to carry themselves in distinctive ways. The lived experience of being takatāpui within systems that are built to be exclusive and discriminatory is significant for

such individuals as they struggle to reclaim a place of belonging within te ao Māori, re-Indigenise whakaaro (understanding), and tangatatanga (being the self). In discussing a specifically Māori approach to drawing the poetics of lived experience forward in images and text, the presentation considers cultural practices like kaitahi (sharing of food and space), kanohi ki te kanohi kōrero (face to face interviewing), and manaakitanga (hosting with respect and care). The paper then considers the implications of working with an artistic collaborator (photographer), who is not Māori and does not identify as takatāpui yet becomes part of an environment of trust and vulnerable expression. Finally, the paper discusses images surfacing from a series of photoshoots and interviews conducted between August 2021 and February 2023. Here my concern was with how a participant's identity and performativity might be discussed when preparing for a photoshoot, and then reviewing images that had been taken. The process involved an initial interview about each person's identity, then a reflection on images emanating from studio session. For the shoot, the participant initially dressed themselves as the takatāpui tāne who 'passed' in the world and later as the takatāpui tāne who dwelt inside. For the researcher, the process of titiro, whakarongo, kōrero (observing, listening and recording what was spoken), resourced a subsequent creative writing exercise where works were composed from fragments of interviews. These poems along with the photographs and interviews, constituted portraits of how each person understood themselves as a self-realising, proud, fluid and distinctive Māori individual.

## Aplicando um paradigma kaupapa Māori para pesquisar identidades takatāpui

### Palavras Chave:

Entrevista Kanohi ki te kanohi; Kaupapa Māori; Mana; Manaakitanga; Takatāpui.

Nesta tese de doutorado orientada para a prática, adoto um paradigma Kaupapa Māori, onde rangahau (reunir, agrupar e formar, para criar novo conhecimento e compreensão), é fundamentado em uma perspectiva cultural e visão de mundo holística Māori que respeita os tikanga Māori (costumes) e āhuetanga Māori (práticas culturais). O estudo de caso que constitui o foco da apresentação pergunta: "Como pode uma reconsideração artística da diferenciação de papéis de gênero moldar novas formas de expressão performativa Māori". Ao abordar isso, o pesquisador é guiado e sustentado por cinco mātāpono (princípios):

He kanohi kitea (um rosto visto, é apreciado) Titiro, whakarongo, kōrero (olhar, ouvir e falar)

Manaakitangata (compartilhar e hospedar pessoas, ser generoso)

Kia tūpatō (sendo cauteloso)

Kāua e takahi i te mana o te tangata (evitando atropelar o mana dos participantes).

Ao conectar esses princípios e valores que são inatos dentro de te ao Māori (povo e cultura Māori), o artigo revela uma abordagem distinta adotada para entrevistar e fotografar nove takatāpui tāne (homens Māori cuja sexualidade e identificação de gênero não são heteronormativas). As narrativas de experiência desses homens formam a pedra angular da investigação que tem como foco de pesquisa a tuakiritanga (identidade), onde a expressão performativa e a conectividade com o modo de ser Māori faz com que os indivíduos se comportem de maneiras distintas. A experiência vivida de ser takatāpui dentro de sistemas que são construídos para serem exclusivos e discriminatórios é

significativa para esses indivíduos enquanto eles lutam para reivindicar um lugar de pertencimento dentro de te ao Māori, re-indigenizar whakaaro (compreensão) e tangatatanga (ser o eu) . Ao discutir uma abordagem especificamente Māori para desenhar a poética da experiência vivida em imagens e texto, a apresentação considera práticas culturais como kaitahi (compartilhar comida e espaço), kanohi ki te kanohi kōrero (entrevista face a face) e manaakitangata (receber com respeito e cuidado). O artigo então considera as implicações de trabalhar com um colaborador artístico (fotógrafo), que não é Māori e não se identifica como takatāpui, mas se torna parte de um ambiente de confiança e expressão vulnerável. Por fim, o artigo discute as imagens que surgiram de uma série de sessões de fotos e entrevistas realizadas entre agosto de 2021 e fevereiro de 2023. Aqui, minha preocupação era como a identidade e a performatividade de um participante podem ser discutidas ao se preparar para uma sessão de fotos e, em seguida, revisar as imagens que foram tiradas . O processo envolveu uma entrevista inicial sobre a identidade de cada pessoa, seguida de uma reflexão sobre as imagens emanadas da sessão de estúdio. Para a filmagem, o participante inicialmente se vestiu como o takatāpui tāne que 'passou' no mundo e depois como o takatāpui tāne que morava lá dentro. Para a investigadora, o processo de titiro, whakarongo, kōrero (observar, ouvir e registrar o que foi falado), deu origem a um posterior exercício de escrita criativa onde as obras foram compostas a partir de fragmentos de entrevistas. Esses poemas, juntamente com as fotografias e entrevistas, constituíram retratos de como cada pessoa se entendia como um indivíduo Māori autorrealizado, orgulhoso, fluido e distinto.

## Aplicación de un paradigma maorí kaupapa a la investigación de las identidades takatāpui

### Palabras clave:

Entrevista face a face; Kaupapa Māori; Mana; Manaakitanga; Takatāpui.

En esta tesis doctoral guiada por la práctica, adopto un paradigma maorí Kaupapa, donde rangahau (reunir, agrupar y formar, para crear nuevos conocimientos y comprensión), se basa en una perspectiva cultural y una cosmovisión holística maorí que respeta las tikanga maoríes (costumbres) y āhuetanga Māori (prácticas culturales). El estudio de caso que constituye el foco de la presentación pregunta: “¿Cómo podría una reconsideración artística de la diferenciación de roles de género dar forma a nuevas formas de expresión performativa maorí?”. Al abordar esto, el investigador se guía y respalda por cinco mātāpono (principios):

He kanohi kitea (una cara vista, se aprecia)

Titiro, whakarongo, kōrero (mirar, escuchar y hablar)

Manaakitanga (compartir y hospedar personas, ser generoso)

Kia tūpato (siendo cauteloso)

Kāua e takahi i te mana o te tangata (evitar pisotear el mana de los participantes).

Al conectar estos principios y valores que son innatos dentro de te ao Māori (pueblo y cultura maoríes), el documento revela un enfoque distintivo adoptado para entrevistar y fotografiar a nueve takatāpui tāne (hombres maoríes cuya sexualidad e identificación de género no son heteronormativos). Las narrativas de la experiencia de estos hombres forman la piedra angular de la investigación que tiene un enfoque de investigación en tuakiritanga (identidad) donde la expresión performativa y la conectividad con la forma de ser de los maoríes hace que las personas se comporten de maneras distintas. La experiencia vivida de ser takatāpui dentro de sistemas que están contruidos para ser

exclusivos y discriminatorios es significativa para esas personas en su lucha por reclamar un lugar de pertenencia dentro de te ao Māori, re-Indigenise whakaaro (comprensión) y tangatatanga (ser uno mismo) . Al discutir un enfoque específicamente maorí para dibujar la poética de la experiencia vivida en imágenes y texto, la presentación considera prácticas culturales como kaitahi (compartir comida y espacio), kanohi ki te kanohi kōrero (entrevistas cara a cara) y manaakitanga (hospedar con respeto y cuidado). Luego, el documento considera las implicaciones de trabajar con un colaborador artístico (fotógrafo), que no es maorí y no se identifica como takatāpui, pero se convierte en parte de un entorno de confianza y expresión vulnerable. Finalmente, el documento analiza las imágenes que surgen de una serie de sesiones de fotos y entrevistas realizadas entre agosto de 2021 y febrero de 2023. Aquí mi preocupación era cómo se podría discutir la identidad y la performatividad de un participante al prepararse para una sesión de fotos y luego revisar las imágenes que se habían tomado. . El proceso involucró una entrevista inicial sobre la identidad de cada persona, luego una reflexión sobre las imágenes que emanan de la sesión de estudio. Para la sesión, el participante se vistió inicialmente como el takatāpui tāne que ‘pasaba’ en el mundo y luego como el takatāpui tāne que moraba en el interior. El proceso de titiro, whakarongo, kōrero (observar, escuchar y registrar lo hablado), sirvió de recurso a un posterior ejercicio de escritura creativa donde se componían obras a partir de fragmentos de entrevistas. Estos poemas, junto con las fotografías y las entrevistas, constituyeron retratos de cómo cada persona se percibía a sí misma como un individuo maorí autorrealizador, orgulloso, fluido y distintivo.

# Toiroa SWEET! M

---

## **TOIROA WILLIAMS - TE WHAKATŌHEA, NGAI TAI, TE WHĀNAU A APANUI**

Auckland University of Technology

<https://orcid.org/0000-0002-7276-2843>

Toiroa Williams is a Māori documentary filmmaker with tribal links across Te Whakatōhea, Ngai Tai and Te Whānau a Apanui. He is passionate about telling Indigenous stories specific to his people which might aid in the teachings of their history to future generations. He completed a Masters' degree in documentary film making in [2016], has been the recipient of numerous scholarships including [AUT INTERNZ at Sundance Institute] and he is currently completing a Ph.D. that considers Māori approaches to indigenous film making.

### **HOW TO QUOTE (APA7):**

Williams, T. (2022). KO WAI AU? Who am I?. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 53-56). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.180>

Video  
Presentation



## KO WAI AU? Who am I?

### Keywords

Aratika; Film making; Healing documentary; Karakia; Māori customs and protocol.

This presentation accounts a journey of the researcher's practice-led doctoral project, *Tangohia mai te taura: Take This Rope*. The study involves researching, directing and producing a documentary about historical grievances to exhume stories from a Māori filmmaker's community that call into question colonial accounts of the 1866 execution of their ancestor Mokomoko, and the preceding murder of the Reverend Carl Sylvius Völkner in 1865. As a consequence of an accusation of murder, Mokomoko was arrested for the crime, imprisoned and hanged, all while protesting his innocence. In retribution, our people had their coveted lands confiscated by the government, and they became the pariahs of multiple historical accounts. The practice-led thesis study asks how a Māori documentary maker from this iwi (tribe) might reach into the grief and injustice of such an event in culturally sensitive ways to tell the story of generational impact. Accordingly, the documentary *Ko Wai Au*, seeks to communicate an individual's reconnection to, and understanding of, accumulated knowledge and experience, much of which is stored inside an indigenous, dispossessed whānau (family), whose whakapapa (genealogy)

is interwoven with historical events and their implications. As a member of a generation that has been incrementally removed from history and embodied pain of my whānau, through the study I come seeking my past in an effort to understand and contribute something useful that supports my people's aspirations and agency in attaining value, healing, and historical redress. This presentation advances a distinctive embodied methodological approach based on whenua (land) and whānau (family). In this approach, the researcher employs karakia (traditional incantations), walking the land, thinking, listening to waiata (traditional songs) and aratika (feeling a 'right' way). My position is one of humility and co-creation. I am aware that the rōpū kaihanga kiriata (film crew) with whom I work will be called into the trusting heart of my whānau and we must remain attentive to Māori protocols and sensitivities. Given the responsibility of working inside a Kaupapa Māori research paradigm, methodology and methods are shaped by kawa and tikanga (customary values and protocols). Here one moves beyond remote analysis and researches sensitively 'with' and 'within', a community, knowing that te ao Māori (the Māori world) is at the core of how one will discover, record, and create.

## KO WAI AU? Quem sou eu?

### Palavras Chave:

Aratika; Direção de filmes; Documentário como forma de cura; Karakia; Costumes Māori

Esta apresentação relata uma jornada do projeto de doutorado conduzido pela prática do pesquisador, Tangohia mai te taura: Take This Rope. O estudo envolve pesquisar, dirigir e produzir um documentário sobre queixas históricas para exumar histórias de uma comunidade de cineastas Māori que questionam os relatos coloniais da execução de seu ancestral Mokomoko em 1866 e o assassinato anterior do reverendo Carl Sylvius Völkner em 1865. Como consequência de uma acusação de assassinato, Mokomoko foi preso pelo crime, encarcerado e enforcado, o tempo todo protestando contra sua inocência. Em retribuição, nosso povo teve suas cobiçadas terras confiscadas pelo governo e se tornaram párias de vários relatos históricos. O estudo de tese conduzido pela prática pergunta como um documentarista Māori desta iwi (tribo) pode abordar a dor e a injustiça de tal evento de maneiras culturalmente sensíveis para contar a história do impacto geracional. Assim, o documentário *Ko Wai Au* busca comunicar a reconexão e a compreensão de um indivíduo com o conhecimento e a experiência acumulados, muitos dos quais armazenados dentro de uma *Whānau* (família) indígena e despossuída, cujo *whakapapa* (genealogia) está entrelaçado com eventos históricos e suas implicações.

Como membro de uma geração que foi gradualmente removida da história e incorporou a dor de minha *Whānau*, por meio do estudo venho buscando meu passado em um esforço para entender e contribuir com algo útil que apoie as aspirações e a agência de meu povo na obtenção de valor, cura, e reparação histórica. Esta apresentação avança uma abordagem metodológica corporificada distinta baseada em *whenua* (terra) e *whanau* (família). Nesta abordagem, o pesquisador emprega *karakia* (encantamentos tradicionais), caminhar pela terra, pensar, ouvir *waiata* (canções tradicionais) e *aratika* (sentir um caminho 'certo'). Minha posição é de humildade e co-criação. Estou ciente de que o *rōpū kaihangā kiriata* (equipe de filmagem) com quem trabalho será chamado ao coração confiante de minha *Whānau* e devemos permanecer atentos aos protocolos e sensibilidades Māori. Dada a responsabilidade de trabalhar dentro de um paradigma de pesquisa *Kaupapa Māori*, a metodologia e os métodos são moldados por *kawa* e *tikanga* (valores e protocolos costumeiros). Aqui, a pessoa vai além da análise remota e pesquisa com sensibilidade "com" e "dentro" de uma comunidade, sabendo que *te ao Māori* (o mundo Māori) está no centro de como alguém irá descobrir, registrar e criar.



## KO WAI AU? ¿Quién soy?

### Palabras clave:

Aratika; Realización de películas; Documental de sanación; Karakia; Costumbres y protocolo

Esta presentación da cuenta de un viaje del proyecto de doctorado dirigido por la práctica del investigador, Tangohia mai te taura: Take This Rope. El estudio consiste en investigar, dirigir y producir un documental sobre agravios históricos para exhumar historias de la comunidad de cineastas Māori que cuestionan los relatos coloniales de la ejecución en 1866 de su antepasado Mokomoko y el asesinato anterior del reverendo Carl Sylvius Völkner en 1865. Como consecuencia de una acusación de asesinato, Mokomoko fue arrestado por el crimen, encarcelado y ahorcado, mientras protestaba por su inocencia. En retribución, a nuestra gente se le fueron confiscadas sus codiciadas tierras por el gobierno, y se convirtieron en parias de múltiples relatos históricos. El estudio de tesis dirigido por la práctica pregunta cómo un documentalista Māori de esta iwi (tribu) podría abordar el dolor y la injusticia de tal evento de manera culturalmente sensible para contar la historia que ha tenido un gran impacto generacional. En consecuencia, el documental Ko Wai Au busca comunicar la reconexión y la comprensión de un individuo con el conocimiento y la experiencia acumulados, muchos de los cuales están almacenados dentro de la whānau (familia) indígena desposeída y, cuya whakapapa (genealogía) está entretejida con eventos históricos y sus implicaciones. Como miembro de una

generación que ha sido gradualmente eliminada de la historia y encarnado el dolor de mi whānau, a través del estudio vengo a buscar mi pasado en un esfuerzo por comprender y contribuir con algo útil que respalde las aspiraciones y la agencia de mi gente para lograr valor, curación, y reparación histórica. Esta presentación presenta un distintivo enfoque metodológico incorporado basado en whenua (tierra) y whānau (familia). En este enfoque, el investigador emplea karakia (encantamientos tradicionales), caminar por la tierra, pensar, escuchar waiata (canciones tradicionales) y aratika (sentir de una manera "correcta"). Mi posición es de humildad y co-creación. Soy consciente de que el rōpū kaihangā kiriata (equipo de filmación) con el que trabajo será llamado dentro del confiado corazón de mi whānau y que debemos permanecer atentos a los protocolos y sensibilidades Māori. Dada la responsabilidad de trabajar dentro de un paradigma de investigación Kaupapa Māori, la metodología y los métodos están conformados por kawa y tikanga (valores y protocolos consuetudinarios). Aquí uno va más allá del análisis remoto e investiga con sensibilidad "con" y "dentro" de una comunidad, sabiendo que te ao Māori (el mundo Māori) está en el centro de cómo uno descubrirá, registrará y creará.

# Jani WILSON

---

**JANI WILSON - NGĀTI AWA, NGĀ PUHI, MĀTAATUA**

Independent researcher

<https://orcid.org/0000-0001-6774-1696>

Hails from Pāroa on the outskirts of Whakatāne. She has a PhD in Film, TV and Media Studies from the University of Auckland, and is currently an independent researcher in Screen Arts/Studies

**HOW TO QUOTE (APA7):**

Wilson, J. (2022). Rōpū Whānau: A whakawhiti kōrero research methodology. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 57-60). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.181>

Video  
Presentation



# Rōpū Whānau: A whakawhiti kōrero research methodology

## Keywords

Audience; Kapahaka; Indigenous Research Methodologies; Rōpū Whānau; Whānau.

Kapahaka is not simply the song and dance of Aotearoa's Indigenous people. Deeply steeped in mātauranga Māori, kapahaka is a way of simultaneously exemplifying Māori histories, the present, and the future; meanwhile it is a community-focused cultural practice, methodology, and pedagogy. Contemporary kapahaka – both competitive and for entertainment – fosters, develops, validates, and celebrates the Māori world, the language, and our 'ways': arguably the fundamental building blocks of Māori 'popular culture'. The research project *Kia Rite! Kapahaka for Screens*, from which this presentation is a tiny proportion, will focus on the influence and impact of screen production on the art's ebbs and flows, and the conflicts between maintaining 'traditions' and exploring innovation in and towards the future. Over the last century, the kapahaka art-form has evolved exponentially, and as the wider project will explore, in large part as a response to the advancement of screen technologies. An important strand in *Kia Rite!* will investigate the kapahaka audience. It employs a

refined iteration of Rōpū Whānau, a focus group methodology where closely linked relations will be asked to respond to archival through to contemporary kapahaka footage as a generational screen audience study. Exploring responses to screened kapahaka in this way revisits a whakawhiti kōrero-based audience study method designed to reflect and embody the fundamental whakataukī 'he aha te kai o ngā rangatira? He kōrero' (what is the food of chiefs? It is talk.) Rōpū Whānau was developed to move beyond the 'safety in numbers' focus group methodology to more of a 'safety within the whānau' format. By inviting participants from the same family, a duty to protect the under 18s and inherently control researcher behaviours provides an extra layer of a kind of 'Māori ethics'. This critical presentation brings forward the fundamental elements of Rōpū Whānau and unpacks how it has been used in various research projects in the past. This is to plot the way forward for Indigenous community-led research methodologies, and encourages the consideration of Indigenous research approaches.

# Rōpū Whānau: Uma metodologia de pesquisa whakawhiti kōrero

## Palavras Chave:

Audiência; Kapahaka; Metodologias de Pesquisa Indígena; Rōpū Whānau; Whānau.

Kapahaka não é simplesmente a música e a dança dos indígenas de Aotearoa. Profundamente imerso em mātauranga Māori, kapahaka é uma forma de exemplificar simultaneamente histórias Māori, o presente e o futuro; enquanto isso, é uma prática cultural, metodologia e pedagogia com foco na comunidade. O kapahaka contemporâneo – tanto competitivo quanto para entretenimento – promove, desenvolve, valida e celebra o mundo Māori, a língua e nossos “caminhos”: indiscutivelmente os blocos de construção fundamentais da “cultura popular” Māori. O projeto de pesquisa Kia Rite! Kapahaka for Screens, do qual esta apresentação é uma pequena proporção, focará na influência e impacto da produção de tela nos fluxos e refluxos da arte, e os conflitos entre manter as ‘tradições’ e explorar a inovação no futuro e em direção ao futuro. Ao longo do último século, a forma de arte kapahaka evoluiu exponencialmente e, como o projeto mais amplo irá explorar, em grande parte como uma resposta ao avanço das tecnologias de tela. Uma vertente importante no Kia Rite! investigará o público kapahaka. Ele emprega uma iteração refinada de Rōpū Whānau, uma metodologia de grupo focal

em que as relações intimamente ligadas serão solicitadas a responder ao arquivo através da filmagem kapahaka contemporânea como um estudo de audiência de tela geracional. Explorar as respostas aos kapahakas selecionados dessa maneira revisita um método de estudo de público baseado em whakawhiti kōrero projetado para refletir e incorporar o whakataukī fundamental ‘he aha te kai o ngā rangatira? He kōrero’ (qual é a comida dos chefes? É conversa.) Rōpū Whānau foi desenvolvido para ir além da metodologia do grupo focal de ‘segurança em números’ para mais de um formato de ‘segurança dentro do whānau’. Ao convidar participantes da mesma família, o dever de proteger os menores de 18 anos e controlar inerentemente os comportamentos do pesquisador fornece uma camada extra de uma espécie de “ética Māori”. Esta apresentação crítica apresenta os elementos fundamentais do Rōpū Whānau e revela como ele foi usado em vários projetos de pesquisa no passado. Isso é para traçar o caminho a seguir para as metodologias de pesquisa lideradas pela comunidade indígena e encoraja a consideração de abordagens de pesquisa indígenas.

# Rōpū Whānau: una metodología de investigación de whakawhiti kōrero

## Palabras clave:

Audiencia; Kapahaka; Metodologías de investigación indígena; Rōpū Whānau; Whānau.

Kapahaka no es simplemente el canto y la danza de los indígenas de Aotearoa. Profundamente impregnado de mātauranga Māori (conocimiento Māori), kapahaka es una forma de ejemplificar simultáneamente las historias Māori, el presente y el futuro; mientras tanto, es una práctica cultural, metodología y pedagogía centrada en la comunidad. El kapahaka contemporáneo, tanto competitivo como para el entretenimiento, fomenta, desarrolla, valida y celebra el mundo Māori, el idioma y nuestras “maneras”: posiblemente los componentes fundamentales de la “cultura popular” Māori. El proyecto de investigación Kia Rite! Kapahaka for Screens, de la cual esta presentación es una pequeña porción, se centrará en la influencia y el impacto de la producción de pantallas en los flujos y reflujos del arte, y los conflictos entre mantener las “tradiciones” y explorar la innovación en y hacia el futuro. Durante el último siglo, la forma de arte kapahaka ha evolucionado exponencialmente y, como explorará el proyecto más amplio, en gran parte como respuesta al avance de las tecnologías de pantalla. Un hilo importante en ‘Kia Rite!’ investigará la audiencia del kapahaka a través de una iteración refinada de Rōpū Whānau, una

metodología de grupos focales en la que se pedirá a grupos de personas con estrechos vínculos que respondan como audiencia intergeneracional a grabaciones de video de kapahaka, desde archivos históricos hasta videos contemporáneos. Explorar las respuestas al kapahaka de esta manera, permite retomar un método de estudio de audiencia basado en whakawhiti kōrero diseñado para reflejar y encarnar el fundamental whakataukī ‘he aha te kai o ngā rangatira? He kōrero’ (¿cuál es la comida de los jefes? Es hablar.) Rōpū Whānau fue desarrollado para ir más allá de la metodología de grupo focal de ‘seguridad en números’ a un formato más de ‘seguridad dentro de whānau’. Al invitar a participantes de la misma familia, el deber de proteger a los menores de 18 años y controlar inherentemente los comportamientos de los investigadores proporciona una capa adicional de una especie de “ética Māori”. Esta presentación crítica presenta los elementos fundamentales de Rōpū Whānau y explica cómo se ha utilizado en varios proyectos de investigación en el pasado. Esto es para trazar el camino a seguir para las metodologías de investigación dirigidas por comunidades indígenas y fomenta la consideración de enfoques de investigación indígenas.

# Nicholas SAUOP

---

## NICHOLAS JONES - NGĀI TŪHOE, NGĀPUHI

Auckland University

<https://orcid.org/0000-0003-1138-9464>

Nicholas Jones (Ngāi Tūhoe/Ngāpuhi) is a PhD candidate in Social Anthropology at Waipapa Taumata Rau/The University of Auckland. As a research assistant at the James Henare Research Centre, he has experience in a range of Kaupapa Māori-led community-based research projects. He has worked on projects examining kaumātua health and wellbeing, the uptake and integration of technology and artificial intelligence amongst Māori agricultural businesses, and Māori data sovereignty.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Jones, N. (2022). Unprecedented Times: Māori Experiences and Responses to Global Pandemics. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 61-64). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.183>

Video  
Presentation



# Unprecedented Times: Māori Experiences and Responses to Global Pandemics

## Keywords

COVID-19; Disease; Kaumātua; Memory; Tapu;

The onset of COVID-19 in 2020 saw media, politicians, and government organisations quick to comment that these are “unprecedented times.” However, in Aotearoa/New Zealand, the 1918 influenza (mate rewharewha urutā) pandemic, and sporadic outbreaks of tuberculosis (mate kōhi), and HIV/AIDS (mate ārai kore), have presented challenges similar to COVID-19 today. Focusing mainly, but not limited to, the 1918 influenza pandemic and the many tuberculosis outbreaks that plagued Aotearoa, this paper will contextualise the Māori experience and explore the challenges, prejudices, and assaults on Māori customs in times of pandemic. This paper focuses on Governmental responses to COVID-19 in regard to tangihanga (funeral rites) and hongī (pressing of noses), and shows in times of pandemic, a pattern exists where these cultural practices come under attack. The significance of these practices must be understood by health officials in the full context in order to assist the government in creating new health policies. Incorporating the contemporary voices of kaumātua (Māori elders) interviewed during the COVID-19 outbreak, I will examine the significance of Māori cultural practices in Māori society and highlight challenges that kaumātua endured during the COVID-19 lockdown. Far from being “unprecedented times,” this study will show

many of the same challenges Māori faced in past pandemics have resurfaced again in the time of COVID-19. Kaumātua hold a collective memory of pandemics and other crises. During the height of COVID-19 restrictions, some Māori elders have reflected that these restrictions were nothing new to them. Rather, disease and disease mitigation measures have been incorporated as part of their intergenerational collective memory corpus. With COVID-19's arrival on Aotearoa's shores, Māori leaders, kaumātua, and communities galvanized to protect their communities, instigating community roadblocks, delivering food packages, and adapting tikanga (protocols and customs). Māori communities drew upon the past experiences of their tīpuna (ancestors) of disease, passed down as taonga tuku iho (treasures handed down from the ancestors), to inform their responses to COVID-19. Drawing upon kaumātua kōrero (analysis), this paper highlights the role of intergenerational collective memory of past pandemics in informing Māori communities' tikanga based responses to COVID-19. In doing so, this paper draws particular focus to the continual importance of the concept of tapu (sacred, prohibited, restricted) and its role in mitigating disease and maintaining hygiene during customary community gatherings and rituals, and at home.

# Tempos Sem Precedentes: Experiências Māori e Respostas a Pandemias Globais

## Palavras Chave:

COVID-19; Doença; Kaumātua; Memória; Tapu.

O início do COVID-19 em 2020 fez com que a mídia, os políticos e as organizações governamentais comentassem rapidamente que estes são “tempos sem precedentes”. No entanto, em Aotearoa/ Nova Zelândia, a pandemia de gripe de 1918 (mate rewharewha urutā) e surtos esporádicos de tuberculose (mate kōhi) e HIV/AIDS (mate ārai kore) apresentaram desafios semelhantes ao COVID-19 hoje. Enfocando principalmente, mas não se limitando a, a pandemia de gripe de 1918 e os muitos surtos de tuberculose que assolaram Aotearoa, este artigo contextualizará a experiência Māori e explorará os desafios, preconceitos e ataques aos costumes Māori em tempos de pandemia. Este artigo enfoca as respostas governamentais ao COVID-19 em relação ao tangihanga (ritos fúnebres) e ao hongī (pressionar o nariz) e mostra que, em tempos de pandemia, existe um padrão em que essas práticas culturais são atacadas. A importância dessas práticas deve ser compreendida pelas autoridades de saúde em seu contexto completo, a fim de auxiliar o governo na criação de novas políticas de saúde. Incorporando as vozes contemporâneas dos kaumātua (anciãos Māori) entrevistados durante o surto de COVID-19, examinarei o significado das práticas culturais Māori na sociedade Māori e destacarei os desafios que os kaumātua enfrentaram durante o bloqueio do COVID-19. Longe de ser “tempos sem precedentes”, este estudo mostrará que muitos dos mesmos

desafios que os Māori enfrentaram em pandemias anteriores ressurgiram novamente na época do COVID-19. Kaumātua guarda uma memória coletiva de pandemias e outras crises. Durante o auge das restrições do COVID-19, alguns anciãos Māori refletiram que essas restrições não eram novidade para eles. Em vez disso, as medidas de mitigação de doenças e doenças foram incorporadas como parte de seu corpus de memória coletiva intergeracional. Com a chegada do COVID-19 às costas de Aotearoa, líderes Māori, kaumātua e comunidades galvanizaram-se para proteger suas comunidades, instigando bloqueios comunitários, entregando pacotes de alimentos e adaptando tikanga (protocolos e costumes). As comunidades Māori basearam-se nas experiências passadas de seus tīpuna (ancestrais) da doença, transmitidas como taonga tuku iho (tesouros transmitidos pelos ancestrais), para informar suas respostas ao COVID-19. Com base em kaumātua kōrero (análise), este artigo destaca o papel da memória coletiva intergeracional de pandemias passadas em informar as respostas baseadas em tikanga das comunidades Māori ao COVID-19. Ao fazê-lo, este artigo chama atenção especial para a importância contínua do conceito de tapu (sagrado, proibido, restrito) e seu papel na mitigação de doenças e na manutenção da higiene durante as reuniões e rituais comunitários habituais e em casa.



# Tiempos sin precedentes: Experiencias maoríes y respuestas a pandemias globales

## Palabras clave:

COVID-19; Enfermedad; Kaumātua; Memoria; Tapu.

El inicio de COVID-19 en 2020 hizo que los medios, los políticos y las organizaciones gubernamentales comentaran rápidamente que estos son “tiempos sin precedentes”. Sin embargo, en Aotearoa/Nueva Zelanda, la pandemia de influenza de 1918 (mate rewharewha urutā) y los brotes esporádicos de tuberculosis (mate kōhi) y VIH/SIDA (mate ārai kore) han presentado desafíos similares a los de la COVID-19 actual. Centrado principalmente, entre otros, en la pandemia de influenza de 1918 y los numerosos brotes de tuberculosis que asolaron Aotearoa, este documento contextualizará la experiencia maorí y explorará los desafíos, los prejuicios y los ataques a las costumbres maoríes en tiempos de pandemia. Este documento se enfoca en las respuestas gubernamentales al COVID-19 con respecto a los tangihanga (ritos funerarios) y el hongí (presionar entre narices), y muestra que en tiempos de pandemia existe un patrón en el que estas prácticas culturales son atacadas. Los funcionarios de salud deben entender la importancia de estas prácticas en el contexto completo para ayudar al gobierno a crear nuevas políticas de salud. Incorporando las voces contemporáneas de kaumātua (ancianos maoríes) entrevistados durante el brote de COVID-19, examinaré la importancia de las prácticas culturales maoríes en la sociedad maorí y resaltaré los desafíos que enfrentaron los kaumātua durante el bloqueo de COVID-19. Lejos de ser “tiempos sin precedentes”, este estudio mostrará que muchos de los mismos desafíos que enfrentaron los maoríes

en pandemias pasadas han resurgido nuevamente en tiempos de COVID-19. Los kaumātua guarda una memoria colectiva de pandemias y otras crisis. Durante el apogeo de las restricciones de COVID-19, algunos ancianos maoríes han mostrado que estas restricciones no eran nada nuevo para ellos. Más bien, las enfermedades y las medidas de mitigación de enfermedades han sido incorporadas como parte de su corpus de memoria colectiva intergeneracional. Con la llegada del COVID-19 a las costas de Aotearoa, los líderes maoríes, los kaumātua y las colectividades se movilizaron para proteger a sus comunidades, instigando barricadas comunitarias, entregando paquetes de alimentos y adaptando los tikanga (protocolos y costumbres). Las comunidades maoríes se basaron en las experiencias pasadas de enfermedades de sus tipuna (ancestros), transmitidas como taonga tuku iho (tesoros heredados de los antepasados), para estructurar sus respuestas al COVID-19. Basándose en kaumātua kōrero (análisis), este documento destaca el papel de la memoria colectiva intergeneracional de pandemias pasadas para configurar las respuestas basadas en tikanga de las comunidades maoríes a COVID-19. Al hacerlo, este documento se centra especialmente en la importancia continua del concepto de tapu (sagrado, prohibido, restringido) y su papel en la mitigación de enfermedades y el mantenimiento de la higiene durante las reuniones y rituales comunitarios habituales, y en el hogar.

# Robert Pouwhare

---

## ROBERT POUWHARE - NGĀI TŪHOE

Auckland University

<https://orcid.org/0000-0002-8093-2099>

Dr Diana Albarrán González is a Native Latin American design researcher and craftivist from Mexico. She is a Lecturer in the Design programmes at the Creative Arts and Industry faculty at the University of Auckland. With more than 18 years of international experience, she seeks to address challenges in a variety of contexts through a meaningful sense of culture, diversity awareness and sensitivity, and the exploration of connections between Moana-nui-a-Kiwa and Abya Yala.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Albarrán González, D. (2022). Weaving decolonising metaphors: Backstrap loom as design research methodology. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 65-68). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.182>

Video  
Presentation



# The Māui Narratives: from bowdlerisation, dislocation and infantilisation to veracity, relevance and connection

## Keywords

Bowdlerisation; Māui; Pūrākau; Storytelling; Te reo Māori.

In Aotearoa New Zealand, as a consequence of colonisation, generations of Māori have been alienated from both their language and culture. This project harnessed an artistic re-consideration of pūrākau (traditional stories) such that previously fractured or erased stories relating to Māui-tikitiki-a-Taranga were orchestrated into a coherent narrative network. Storytelling is not the same as reading a story aloud or reciting a piece from memory. It also differs from performed drama, although it shares certain characteristics with all of these art forms. As a storyteller I look into the eyes of the audience and we both construct a virtual world. Together the listener and the teller compose the tale. The storyteller uses voice, pause and gesture; a listener, from the first moment, absorbs, reacts and co-creates. For each, the pūrākau is unique. Its story images differ. The experience can be profound, exercising thinking and emotional transformation. In the design of 14 episodes of the Māui narrative, connections were made between imagery, sound and the resonance of traditional, oral storytelling. The resulting Māui pūrākau, functions not only to revive the beauty of te reo Māori, but also to resurface traditional

values that lie embedded within these ancient stories. The presentation contributes to knowledge through three distinct points. First, it supports language revitalisation by employing ancient words, phrases and karakia that are heard. Thus, we encounter language expressed not in its neutral written form, but in relation to tone, pause, rhythm, pronunciation and context. Second, it connects the Māui narratives into a cohesive whole. In doing this it also uses whakapapa to make connections and to provide meaning and chronology both within and between the episodes. Third, it elevates the pūrākau beyond the level of simple children's stories. The inclusion of karakia reinforces that these incantations are in fact sacred texts. Rich in ancient language they give us glimpses into ancient epistemologies. Appreciating this elevated state, we can understand how these pūrākau dealt with complex human and societal issues including abortion, rape, incest, murder, love, challenging traditional hierarchies, the power of women, and the sacredness of knowledge and ritual. Finally, the presentation considers both in theory and practice, the process of intergenerational bowdlerisation.

# As Narrativas Māui: da expurgação, deslocamento e infantilização à veracidade, relevância e conexão

## Palavras Chave:

Bowdlerização; Maui; Pūrākau; Narrativa; Te Reo Maori.

Em Aotearoa, Nova Zelândia, como consequência da colonização, gerações de Māori foram alienadas de sua língua e cultura. Este projeto aproveitou uma reconsideração artística de pūrākau (histórias tradicionais), de modo que histórias previamente fragmentadas ou apagadas relacionadas a Māui-tikitiki-a-Taranga foram orquestradas em uma rede narrativa coerente. Contar histórias não é o mesmo que ler uma história em voz alta ou recitar uma peça de memória. Também difere do drama encenado, embora compartilhe certas características com todas essas formas de arte. Como contador de histórias, olho nos olhos do público e ambos construímos um mundo virtual. Juntos, o ouvinte e o contador compõem o conto. O contador de histórias usa voz, pausa e gesto; um ouvinte, desde o primeiro momento, absorve, reage e co-cria. Para cada um, o pūrākau é único. Suas imagens de história diferem. A experiência pode ser profunda, exercitando o pensamento e a transformação emocional. Na concepção de 14 episódios da narrativa Māui, foram feitas conexões entre imagens, sons e a ressonância da narrativa oral tradicional. O Māui pūrākau resultante funciona não apenas para reviver a beleza de te reo Māori, mas também para ressurgir os

valores tradicionais que estão embutidos nessas histórias antigas. A apresentação contribui para o conhecimento através de três pontos distintos. Em primeiro lugar, apoia a revitalização da linguagem, empregando palavras antigas, frases e karakia que são ouvidos. Assim, encontramos a linguagem expressa não em sua forma escrita neutra, mas em relação ao tom, pausa, ritmo, pronúncia e contexto. Em segundo lugar, conecta as narrativas Māui em um todo coeso. Ao fazer isso, ele também usa whakapapa para fazer conexões e fornecer significado e cronologia dentro e entre os episódios. Em terceiro lugar, eleva o pūrākau além do nível das histórias infantis simples. A inclusão de karakia reforça que esses encantamentos são de fato textos sagrados. Ricos em linguagem antiga, eles nos dão vislumbres de epistemologias antigas. Apreciando esse estado elevado, podemos entender como esses pūrākau lidaram com questões humanas e sociais complexas, incluindo aborto, estupro, incesto, assassinato, amor, desafiando as hierarquias tradicionais, o poder das mulheres e a sacralidade do conhecimento e do ritual. Finalmente, a apresentação considera tanto na teoria quanto na prática, o processo de expurgação intergeracional.

# Las narrativas de Māui: de la extorsión, la dislocación y la infantilización a la veracidad, relevancia y la conexión.

## Palabras clave:

Bowdlerización; Maui; Purakau; Narración; Te reo maorí.

En Aotearoa, Nueva Zelanda, como consecuencia de la colonización, generaciones de maoríes han sido alienadas tanto de su lengua como de su cultura. Este proyecto aprovechó una reconsideración artística de pūrākau (historias tradicionales) de tal manera que las historias previamente fracturadas o borradas relacionadas con Māui-tikitiki-a-Taranga se orquestaron en una red narrativa coherente. No es lo mismo contar un cuento que leer un cuento en voz alta o recitar un fragmento de memoria. También difiere del teatro representado, aunque comparte ciertas características con todas estas formas de arte. Como narrador, miro a los ojos de la audiencia y ambos construimos un mundo virtual. Juntos, el oyente y el narrador componen el cuento. El narrador utiliza la voz, la pausa y el gesto; un oyente, desde el primer momento, absorbe, reacciona y co-crea. Para cada uno, el pūrākau es único. Las imágenes de su historia difieren. La experiencia puede ser profunda, ejercitando el pensamiento y la transformación emocional. En el diseño de 14 episodios de la narrativa de Māui, se establecieron conexiones entre las imágenes, el sonido y la resonancia de la narración oral tradicional. El Māui pūrākau resultante funciona no solo para revivir la belleza de te reo Māori, sino también para resurgir los valores tradicionales

que se encuentran en estas historias antiguas. La presentación contribuye al conocimiento a través de tres puntos bien diferenciados. En primer lugar, apoya la revitalización del idioma mediante el empleo de palabras, frases y karakia antiguos que se escuchan. Así, nos encontramos con el lenguaje expresado no en su forma neutra escrita, sino en relación con el tono, la pausa, el ritmo, la pronunciación y el contexto. En segundo lugar, conecta las narrativas de Māui en un todo cohesivo. Al hacer esto, también usa whakapapa para hacer conexiones y proporcionar significado y cronología tanto dentro como entre los episodios. En tercer lugar, eleva el pūrākau más allá del nivel de los simples cuentos infantiles. La inclusión de karakia refuerza que estos encantamientos son de hecho textos sagrados. Ricos en lenguaje antiguo, nos dan vislumbres de epistemologías antiguas. Al apreciar este estado elevado, podemos comprender cómo estos pūrākau abordaron problemas humanos y sociales complejos, incluidos el aborto, la violación, el incesto, el asesinato, el amor, el desafío de las jerarquías tradicionales, el poder de las mujeres y la santidad del conocimiento y el ritual. Finalmente, la presentación considera tanto en la teoría como en la práctica, el proceso de extorsión intergeneracional.

# Welby SOU

---

**WELBY INGS - NGĀTI RAUKAWA**

Auckland University of Technology

<https://orcid.org/0000-0002-4684-3762>

Welby Ings is a Professor in Design at Auckland University of Technology. He holds a Ph.D. in applied narratology and is an elected Fellow of the British Royal Society of Arts. His research navigates trajectories across linguistics, typography, education and visual communication design. Welby is also a multi award winning film maker, designer and author. In 2002 he received the New Zealand Prime Minister's award for Tertiary Teaching Excellence and in 2013 and 2022, AUT University medals for his research and teaching. He has in publication over 50 books, book chapters or research articles that are accessible here: <https://academics.aut.ac.nz/welby.ings>

**HOW TO QUOTE (APA7):**

Ings, W. (2022). Talking with Two Hearts: Navigating Indigenous Narratives as Research. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 69-72). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.177>

# Talking with Two Hearts: Navigating Indigenous Narratives as Research

## Keywords

Feature film; Gender non-binary, Heteronormative, In-betweenness.

Floyd Rudman (2003) notes that by enlarge, contemporary theory posits biculturalism as a positive and adaptive phenomenon. However, as early as 1936, commentators like Redfield et al. proposed that “psychic conflict” can result from attempts to reconcile different social paradigms inside bicultural adaptation (p. 152). Child (1943/1970) also argued that biculturalism cannot resolve cultural frustrations and accordingly, they can be more distressing than a commitment to one culture or the other. The tensions these early theorists noted I found significant when writing and directing my recent feature film PUNCH (Ings, 2022). When creating this work I drew on both my Māori and Pākehā (European) ancestry, and my experience as a gay man who was raised in a heteronormative world. In creating the film’s characters I navigated tensions, working within and between cultural spaces as I wove experience into a fictional examination of what it is to be an outsider in a world that you call home. In this pursuit, I often found myself transgressing borders in my effort to give voice to an in-betweenness that was impure and at times disruptive. While being appreciative of cultural values and practices, I sought ways of expressing identities that are liminal. However, in designing the in-between, like many bicultural

creatives I faced accusations of diminished purity. Significantly, I found myself encountering a form of cultural monitoring and pressure to reshape what I knew to be embodied truth because it failed to sit comfortably with the presuppositions of culturally anxious funding bodies, producers and distributors. Their opinions as to what authentically characterised cultural spaces (to which they did not belong), proved challenging. This was because ultimately I knew that audiences for the film would contain people from the in-between, from the liminal, the underrepresented and the marginalised ... who would be seeking an expression of lived experiences that rarely appear in cinema. Using scenes from the film PUNCH, this presentation unpacks ways in which cultural networking, verification and responsibility were navigated to reinforce an attitudinal position of ‘positive cultural dissonance’ (Faumuina, 2015). By adopting this stance, I no longer saw biculturalism as a diminishment or watering down of integrity, instead it was appreciated as a space of fertile tension and creative synergy. Using positive cultural dissonance as my turangawaewae (place to stand), I negotiated a research project that pursued the resilient beauty of in-betweenness in a story of bicultural, gender non-binary, small town conflict and resolution.

# Falando com dois corações: navegando em narrativas indígenas como pesquisa

## Palavras Chave:

Biculturalismo; Longa-metragem; Gênero não-binário; Heteronormativo; Intermediário.

Floyd Rudman (2003) observa que, por ampliar, a teoria contemporânea postula o biculturalismo como um fenômeno positivo e adaptativo. No entanto, já em 1936, comentaristas como Redfield et al. propuseram que o “conflito psíquico” pode resultar de tentativas de reconciliar diferentes paradigmas sociais dentro da adaptação bicultural (p. 152). Child (1943/1970) também argumentou que o biculturalismo não pode resolver as frustrações culturais e, portanto, elas podem ser mais angustiantes do que um compromisso com uma ou outra cultura. As tensões que esses primeiros teóricos observaram foram significativas para mim ao escrever e dirigir meu recente longa-metragem PUNCH (Ings, 2022). Ao criar este trabalho, baseei-me na minha ascendência Māori e Pākehā (europeia) e na minha experiência como um homem gay criado em um mundo heteronormativo. Ao criar os personagens do filme, naveguei pelas tensões, trabalhando dentro e entre os espaços culturais enquanto tecia a experiência em um exame ficcional do que é ser um estranho em um mundo que você chama de lar. Nessa busca, muitas vezes me vi transgredindo fronteiras em meu esforço para dar voz a um intermediário que era impuro e às vezes perturbador. Apesar de apreciar valores e práticas culturais, busquei formas de expressar identidades que são liminares. No entanto, ao projetar o meio-termo, como muitos criativos biculturais, enfrentei acusações

de pureza diminuída. Significativamente, encontrei-me encontrando uma forma de monitoramento cultural e pressão para remodelar o que eu sabia ser a verdade incorporada porque não se acomodava confortavelmente com as pressuposições de órgãos de financiamento, produtores e distribuidores culturalmente ansiosos. Suas opiniões sobre o que caracterizava autenticamente os espaços culturais (aos quais não pertenciam) mostraram-se desafiadoras. Isso porque, em última análise, eu sabia que o público do filme conteria pessoas do meio, do liminar, dos sub-representados e dos marginalizados... que estariam buscando uma expressão de experiências vividas que raramente aparecem no cinema. Usando cenas do filme PUNCH, esta apresentação revela maneiras pelas quais redes culturais, verificação e responsabilidade foram navegadas para reforçar uma posição atitudinal de “dissonância cultural positiva” (Faumuina, 2015). Ao adotar essa postura, deixei de ver a biculturalidade como uma diminuição ou enfraquecimento da integridade, mas como um espaço de tensão fértil e sinergia criativa. Usando a dissonância cultural positiva como meu turangawaewae (lugar para ficar), negocieei um projeto de pesquisa que buscava a beleza resiliente do meio-termo em uma história de conflito e resolução bicultural, não-binário de gênero e cidade pequena.



# Hablando con dos corazones: Navegando las narrativas indígenas como investigación

## Palabras clave:

Biculturalismo; largometraje; género no binario; heteronormativo, intermediación.

Floyd Rudman (2003) señala que, al ampliar, la teoría contemporánea postula el biculturalismo como un fenómeno positivo y adaptativo. Sin embargo, ya en 1936, comentaristas como Redfield et al., propusieron que el “conflicto psíquico” puede resultar de los intentos de reconciliar diferentes paradigmas sociales dentro de la adaptación bicultural (p. 152). Child (1943/1970) también argumentó que el biculturalismo no puede resolver las frustraciones culturales y, en consecuencia, estas pueden ser más angustiosas que un compromiso con una u otra cultura. Las tensiones que notaron estos primeros teóricos me parecieron significativas al escribir y dirigir mi reciente largometraje PUNCH (Ings, 2022). Al crear este trabajo, me basé en mi ascendencia maorí y pākehā (europea), y en mi experiencia como hombre gay que se crió en un mundo heteronormativo. Al crear los personajes de la película, navegué por las tensiones, trabajando dentro y entre espacios culturales mientras entretejía la experiencia en un examen ficticio acerca de lo que es ser un extraño en un mundo al que llamas hogar. En esta búsqueda, a menudo me encontré transgrediendo fronteras en mi esfuerzo por dar voz a un estado intermedio que era impuro y, a veces, disruptivo. Mientras apreciaba los valores y prácticas culturales, busqué formas de expresar identidades que son liminales. Sin embargo, al diseñar el espacio intermedio, como muchos creativos biculturales,

enfrenté acusaciones de pureza disminuida. Significativamente, me encontré enfrentándome a una forma de control cultural y presión para remodelar lo que sabía que era la verdad encarnada porque no encajaba cómodamente con las presuposiciones de los organismos de financiación, productores y distribuidores culturalmente ansiosos. Sus opiniones sobre lo que caracterizaba auténticamente los espacios culturales (a los que no pertenecían) resultaron desafiantes. Esto se debió a que, en última instancia, sabía que las audiencias de la película contendrían personas intermedias, liminales, subrepresentadas y marginadas... que buscarían una expresión de experiencias vividas que rara vez aparecen en el cine. Usando escenas de la película PUNCH, esta presentación revela las formas en que se navegaron las redes culturales, la verificación y la responsabilidad para reforzar una posición actitudinal de “disonancia cultural positiva” (Faumuina, 2015). Al adoptar esta postura, ya no vi la biculturalidad como una disminución o dilución de la integridad, sino que la aprecié como un espacio de tensión fértil y sinergia creativa. Usando la disonancia cultural positiva como mi turangawaewae (lugar para pararme), negocié un proyecto de investigación que perseguía la belleza resiliente de la intermediación en una historia de género no binario de resolución y conflicto bicultural en pueblo pequeño.

